

edição #9, julho 2019

relvado

ENTREVISTA
COM
ZÉ ELIAS

A ROTINA DO
MEDIANO
HERTHA

A DERROCADA
DE JUSTIN
FASHANU

MEMÓRIAS DA
LONCA FILA
DO BOTAFOGO





relvado

edição #9 | junho 2019

Impressão

Gráfica Letras e Versos

Redação e Revisão

Anderson Moura

Felipe Portes

Fernando Cesarotti

Jessica Miranda

Wladimir Dias

Arte e Diagramação

Felipe Portes

Agradecimentos

Fabio Chiorino

Guilherme Dorneles

Zé Elias

Contato

E-mail: [revistarelvado@gmail](mailto:revistarelvado@gmail.com)

Twitter: [revistarelvado](https://twitter.com/revistarelvado)

Instagram: [revistarelvado](https://www.instagram.com/revistarelvado)

Facebook: [revistarelvado](https://www.facebook.com/revistarelvado)

revistarelvado.com.br



A História do futebol com boas histórias.

revistarelvado.com.br

relvad::

ÍNDICE

EDITORIAL: MUITO ALÉM DOS QUATRO ANOS	4
LADO B DOS BOTÕES: BOAVISTA 2000-01	6
RABISCANDO: SERGIO RAMOS	8
DETALHES: NADA É PARA SEMPRE	10
O RETORNO DO REI	12
MEDIANO	18
É IMPOSSÍVEL INTIMIDAR DUNCAN FERGUSON	24
TROCA DE CORAÇÃO	30
O DOLOROSO JEJUM DO GLORIOSO	34
MUDANÇA DE HÁBITO	40
QUEM GOLPEIA OS GOLPISTAS?	44
A DERROCADA DE FASHANU	48
PARABÉNS, ZÉ	56
ZÉ DA FIEL: ENTREVISTA COM ZÉ ELIAS	60



Além dos quatro anos

Editorial | Por Felipe Portes

A Copa do Mundo Feminina da França acontece enquanto concluimos mais esta edição da Relvado. Mais uma ocasião de gala para que nós tratemos a modalidade com o mesmo carinho que tratamos o jogo masculino. Simpatizar com a causa, porém, não é só questão de valorizar o esforço e a determinação das atletas. É reconhecer que poderíamos tentar mudar o panorama desolador que muitas delas encaram antes e depois de um Mundial.

Vanina Correa é, talvez, o exemplo mais emblemático de sacrifício pessoal. Aos 35 anos, a goleira argentina participou de sua terceira Copa, e finalmente saiu da competição com uma

sensação positiva. Antes, ela era a última a ver a bola balançar suas redes, castigada em um 11 a 0 imposto pela Alemanha na edição de 2007. Perdeu a vaga no torneio e chegou a se aposentar do esporte em 2014, quando teve gêmeos, chamados Luna e Romeo. O futebol simplesmente não compensava para Vanina. Em 2017, foi convidada a retornar, mas com a dura missão de acumular um trabalho durante o dia, o cuidado aos filhos e as rotinas de treino. Amadora, conseguiu uma vaga no Rosario Central. E participou da remontada argentina que alcançou o Mundial da França. Na segunda rodada, contra a Inglaterra, pegou um pênalti e fez seis defesas incríveis para evitar o segundo gol inglês.

Não tratemos a história de Vanina apenas como uma bela redenção. É um quadro triste de como as mulheres sequer possuem o direito de viver do esporte. Salários ridículos, estrutura precária e amadorismo são alguns dos problemas cruciais a serem resolvidos com urgência. Resolver a desigualdade parece utópico, ainda mais na era da bolha milionária do futebol masculino de elite.

Talvez elas nem queiram ser milionárias, afinal. Podemos começar oferecendo uma estrutura consistente e sustentável. Podemos prestar mais atenção no trabalho que é feito entre uma Copa e outra, não só com a torcida ocasional que eu e você dedicamos a cada quatro anos.

A falta de atenção pode e vai ser resolvida quando deixarmos de enxergar esse esporte, quando praticado por elas, como uma exceção. E não é. O tempo passa e as provas estão aí em profusão: elas merecem muito mais o nosso respeito pelo que fazem. Ignorar ou desmerecer o futebol feminino ultrapassa qualquer questão de gênero: é um problema civilizatório.

Não se trata de comparar um sexo ao outro com a bola nos pés, mas de finalmente trazer à luz que, enquanto jogadoras, elas estão muito mais próximas do que consideramos como futebol ideal do que nós. Pela postura em campo, pelo que o esporte representa para elas, culturalmente, e sobretudo pelo respeito à torcida. Muito além de Marta, Formiga, Morgan. Muito além dos quatro anos. ■



Boavista 2000-01

Por Wladimir Dias | Arte: Felipe Portes

Cidade | Porto

Fundação | 1903

Temporada | Campeão Português

Time base | Ricardo; Rui Oscar (Frechaut), Litos, Pedro Emanuel, Erivan; Petit, Rui Bento, Martelinho, Erwin Sánchez, Duda; Silva (Whelliton). Téc.: Jaime Pacheco

A vida à sombra de um rival incomparavelmente mais poderoso não é fácil. Imagine o que é ser torcedor do Espanyol acompanhando o sucesso do Barcelona. Isso é mais ou menos o que se passou durante a maior parte da história do Boavista, de Portugal. Não em 2000-2001. Embora o futebol lusitano seja dominado por Benfica, Porto e Sporting, o grande rival dos Axadrezados, ninguém foi páreo para o time preto e branco



naquele ano. Somando-se a melhor defesa do Campeonato Português, com 22 gols sofridos, ao segundo ataque mais efetivo, 63 marcados, obteve-se a receita do feito inédito. Um ponto separou os antagonistas da cidade do Porto, tornando o feito ainda mais saboroso.

Observando-se em perspectiva, é fácil reconhecer algumas das figuras cruciais para aquele êxito, como são os casos do goleiro Ricardo, do defensor Frechaut e do volante Petit, todos selecionáveis portugueses em algum momento. Dentre vários momentos, certamente, os adeptos alvinegros não se esquecem das vitórias ocorridas nas rodadas 5, 17 e 29. Todas em casa e pela margem mínima, 1 a 0; sempre vitimando um gigante, Benfica, Porto e Sporting, respectivamente. Foi apenas a segunda vez que Portugal viu um forasteiro ameaçar o trono do trio de ferro. A primeira desde os anos 1940. ■



RABISCANDO: SERGIO RAMOS

Capitão do Real Madrid fechou as costas com diversos desenhos e traz nas pernas tatuagens de suas principais conquistas no futebol

RABISCANDO | POR ANDERSON MOURA



Detalhes das tatuagens de Sergio Ramos nas pernas e na mão: tudo tem uma simbologia na carreira do xerifão

Há quem não goste, mas é difícil não respeitar a carreira de Sérgio Ramos García. Tudo na vida do zagueiro parece ser em excesso: os títulos com o Real Madrid, o número de jogos pela seleção espanhola, a força utilizada em algumas tentativas de roubar a bola e, conseqüentemente, seus lances polêmicos. Logo, as tatuagens não seriam uma exceção. O zagueiro tem seus dois braços e as costas completamente fechadas. Sobre estilos de desenho e inspirações, tem de tudo junto e misturado.

Na mão esquerda, números importantes em sua vida (dia de nascimento, primeiras camisas usadas no Sevilla, idade que tinha ao chegar ao Real Madrid e, é claro, o 90 faz menção ao gol marcado na final da Liga dos Campeões, contra o rival Atlético). Os braços contam com mapas, rosas, um desenho Maori e uma bruxa, entre tantoS desenhos. As costas do zagueiro já estão praticamente tomadas por desenhos. Na parte inferior, Jesus Cristo aparece duas vezes, assim como os nomes da irmã e do irmão do jogador. Subindo, um filtro de sonhos entre as omoplatas, um leão do lado esquerdo e um lobo a direita. Por fim, nas pernas, os destaques ficam por conta das taças da Liga dos Campeões e a Copa do Mundo, conquistada pelo jogador em 2010. ■



nada é para sempre

*daniele de rossi apostou as fichas de sua
carreira na roma, mas viu a equipe
prescindir de seus serviços*

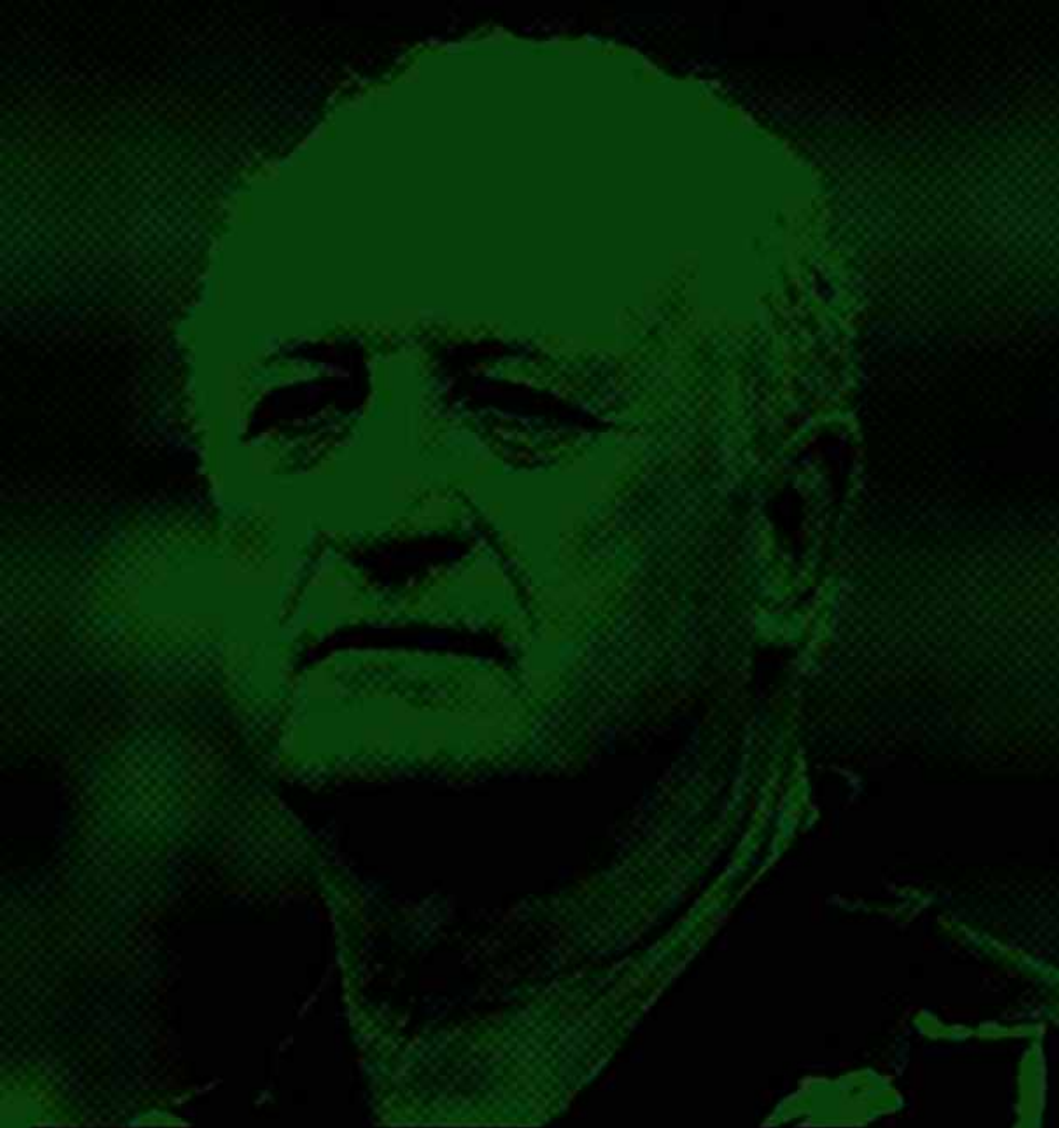
detalhes, por wladimir dias

A temporada 2013-14 se desenha. Mudanças são esperadas em Manchester. Seu mais histórico clube, o United, acaba de colocar fim a uma das mais longas dinastias da história do futebol. Sir Alex Ferguson, o mítico treinador escocês, agora curte sua aposentadoria, após dedicar os últimos 27 de sua vida à comunidade mancomuniana que veste vermelho. O cenário para tanto foi perfeito, já que os *Red Devils* se despediram da Premier League com o título. Mas, agora, quem dá as cartas é David Moyes e ele precisa superar a sombra de seu antecessor.

Para tanto, o novo comandante quer contratações de impacto. Acaba por privilegiar o setor de meio-campo, mesmo porque já não pode contar com a referência de Paul Scholes, outro que se aposentou. Anderson já não era confiável. Darren Fletcher convive com problemas de saúde e Michael Carrick vê a implacabilidade do tempo afetar sua forma. Tom Cleverley e Shinji Kagawa, apesar da juventude, não oferecem certeza, com atuações inconsistentes.

Moyes traz alguém de confiança. Marouane Fellaini, seu ex-comandado no Everton, segue o treinador rumo a Manchester. Mas ainda é preciso contratar uma nome de peso. O clube faz suas tentativas e acaba chegando até Daniele De Rossi, um dos dois grandes líderes da Roma, ao lado de Francesco Totti. A proposta é excelente, mas chega em um momento em que o volante, formado no clube da capital italiana, já reafirmou sua lealdade à sua equipe e ao treinador Rudi García. Meses depois, reconhece que a mudança teria sido um erro. “Graças a Deus eu não acertei com o Manchester United. Caso contrário, eu teria cometido suicídio. Não conseguiria assistir aos jogos da Roma”, disse ao *Corriere dello Sport*. Era uma mostra do inegociável e pulsante amor de De Rossi pela Loba, sua casa há 13 anos e o clube de seu coração. Essa foi apenas uma das várias vezes em que Daniele pôde deixar sua cidade natal.

O tempo passou. Totti se foi e De Rossi assumiu o posto de referência maior da equipe. Em 2018-19, os 35 anos não ameaçaram seu lugar. Nem a presença do campeão mundial Steven N’Zonzi. As lesões, em parte. Ao final, a Roma decidiu não renovar seu vínculo, entendendo que já não valia a pena contar com o jogador para o próximo ano — mesmo que estivesse em jogo um amor posto à prova inúmeras vezes. Clube e atleta trocaram palavras simpáticas, mas a verdade é que, contra a sua vontade, o jogador seguirá sua carreira em outro lugar. O que reforça a ira da torcida Giallorossi, órfã de grandes momentos e ídolos. E o amor por De Rossi. ■



O RETORNO DO REI

Como o sebastianismo português foi ressignificado e deixou marcas na cultura futebolística dos brasileiros

BRASIL | POR FELIPE PORTES

Sebastianista, segundo definição do Dicionário Priberam, é aquele que “faz parte de um grupo de pessoas que esperavam que Dom Sebastião I reapareceria e continuaria a reinar em Portugal.” De alguma forma, a expressão virou um sinônimo de apego ao atraso, ou às velhas glórias.

Dom Sebastião I era o rei de Portugal e Algarves desde 1557. Em agosto de 1574, desapareceu na Batalha de Alcácer-Quibir, em meio à cruzada que planejava em sociedade com o mulei Mohammed para retomar o trono do Marrocos, então de posse do tio de Mohammed, o mulei Moluco, que havia deposto o sobrinho com o suporte dos otomanos. O conflito ganharia a alcunha de Guerra dos Três Reis, já que todos os citados acima morreram durante o combate.

A morte de D. Sebastião, até hoje sem circunstâncias completamente esclarecidas, deixou um legado devastador aos portugueses. O país seria em 1580 anexado à Espanha do rei Filipe II, e veria nascer o mito de que o rei desaparecido um dia voltaria para resgatar os portugueses do domínio espanhol. Até apareceram alguns farsantes que tentaram levar o povo no bico, e o termo virou sinônimo e alegoria para a sensação de desespero que toma conta de uma comunidade pelo sonho de reviver um passado próspero e repleto de conquistas. Sim, estamos falando, também, do futebol.

Inegáveis paralelos portugueses

Sem sombra de dúvida, Luiz Felipe Scolari é, atualmente, a adaptação mais popular de D. Sebastião à cultura futebolística. Vencedor de diversas taças importantes por Grêmio, Palmeiras e Seleção Brasileira, o Bigode traçou seu caminho em Portugal depois do seu auge na Copa do Mundo de 2002. Embora tenha conduzido a equipe lusitana à final da Euro 2004 e a uma semifinal de Mundial, em 2006, o treinador deixou o cargo com algumas promessas não cumpridas. Ninguém melhor que ele para exemplificar esse sentimento por reviver o passado, o mais puro creme do sebastianismo boleiro.

Quando se está em crise, a resposta imediata é retornar ao ponto em que se foi bem sucedido. Foi assim com o Palmeiras de 2010 a 2012, quando Scolari voltou para conquistar a Copa do Brasil e deixar o barco antes do segundo rebaixamento alviverde. Foi assim

também na Seleção, que ultrapassava a barreira de uma década longe da conquista da Copa do Mundo, e que teve como desfecho o trauma sem precedentes do 7 a 1. Foi assim também no Grêmio, de 2014 em diante, felizmente sem grandes dramas para os tricolores.

Fato é que Scolari carrega uma aura de rei obsoleto. E assim era visto, com ressalvas, como antiquado e peça de museu, até 2018. Tanto pela lembrança pesada da semifinal contra a Alemanha em 2014 quanto pelos trabalhos sem brilho desde a saída de Portugal, Felipão se tornou um dos últimos elos em atividade que ligavam o Brasil com a imagem magnífica do pentacampeonato em 2002. Como poderia um homem tão vencedor se transformar em piada em menos de uma década? Muitos cravavam que ele devia estar aposentado, curtindo os netos e a esposa no conforto de sua casa.

Teimoso como sempre, Scolari desembarcou novamente no Palestra Itália em um momento de transição. O campeão brasileiro de 2016 não se acertou com Eduardo Baptista, nem mediante o regresso do vitorioso Cuca, e, tampouco com o interino Alberto Valentim ou com Roger Machado, que conviveu com o mesmo Scolari nos anos tenros do Grêmio entre 1994 e 1997. O Palmeiras tinha problemas para obter resultados compatíveis com seu elenco milionário.

Ao ponto em que a demissão de Roger causou urgência por uma resposta de peso e que impactasse o vestiário. Felipão voltou, desagradando a muitos, e alimentando a sanha sebastianista de remontar algumas páginas no livro para buscar respostas que resolvessem o futuro. Como se sabe, o Palmeiras de 2018 com cara e jeito de 1999 até que foi bem digerido pela torcida, trazendo resultados expressivos e uma segurança defensiva que há muito não se via.

Outros ícones do sebastianismo

Começamos por um raro exemplo de sebastianismo que deu certo, por agora. Em geral, o anacronismo de mirar no passado para entender o futuro costuma ser um tiro no pé. Figuras de outrora teimam em reaparecer no cenário brasileiro, talvez não com promessas de novos tempos, mas gerando expectativa de sucesso. Vanderlei Luxemburgo, considerado como o maior treinador

brasileiro até 2008, foi outro que se perdeu no tempo. Fora da cena dos clubes grandes desde que saiu do Cruzeiro, em 2015, Lixa despontou como o último salvador possível da nau vascaína. Ainda que seus bons tempos tenham sido bem longe de São Januário, a aposta de renome feita nele foi uma ideia da diretoria cruzmaltina para tentar chacoalhar os ânimos de um vestiário abatido e a caminho de mais um descenso.

O Vasco tem bem mais que um Dom Sebastião para chamar de seu. Antônio Lopes, por exemplo, iniciou sua trajetória no clube da Colina em 1981, quando foi auxiliado por... Luxemburgo. Lopes, de perfil paizão e com passado como delegado, esteve outras cinco vezes no banco vascaíno, mas jamais repetiu a façanha de 1996 a 2000, quando esteve à frente do fantástico time que arrancou aos títulos carioca, brasileiro e da Libertadores.

Além de Lopes, cabe também citar o recém-falecido Eurico Miranda, dirigente que se recusou a largar o osso até mesmo com a saúde frágil, fortalecido politicamente na instituição por conta dos títulos da Era Lopes e de suas peripécias extra-campo. Depois de quatro gestões, intercaladas por uma desastrosa passagem de Roberto Dinamite (ídolo dos campos alçado à posição de salvador nos escritórios), o Euriquismo segue vivo com alguma força interna, mesmo após a morte do seu Sebastião.

A que se deve o apelo ao passado? Saudade, desespero ou gratidão? Talvez todas essas sensações estejam interligadas de alguma forma. No futebol brasileiro, clubes grandes não têm o direito de apostar. Exemplos como o de Fábio Carille, que fez seu nome quando promovido ao cargo de treinador, são raros — e mesmo sua volta, no começo de 2019, após um breve exílio na Arábia Saudita, ganhou leves contornos de sebastianismo após o insucesso do time em sua ausência.

A regra é que os vencedores de ontem sejam chamados em momentos emergenciais, já que, em tese, conhecem a fórmula das vitórias. Até Renato Portaluppi, hoje aclamado pelo excelente trabalho no Grêmio, retornou com alguma desconfiança depois de dois anos desempregado. Ainda que não assuma publicamente, Renato é um representante da velha escola que soube se reciclar e



reaprender a ler o futebol moderno. Não à toa, tirou o Tricolor de um papel de segunda força gaúcha para fazer dos gremistas uma legítima potência continental.

O recorte temporal do passado, aqui, não é exatamente uma referência a títulos, mas na forma de pensar e na retomada de protagonismo dos mesmos personagens de antigamente. Para cada Carille, existem dez Sclaris, cinco Luxemburgos e outros dois Abéis. E o único jeito de romper com o saudosismo implícito é vencendo. Encantar ou prometer não basta, é preciso cumprir. Enquanto os trabalhos da nova geração forem reduzidos a mero pardalismo, a velha geração nunca sairá completamente de cena.

O sebastianismo parece ter repousado, por fim, na Seleção Brasileira. Depois do fiasco da segunda Era Dunga, Tite trouxe novos ventos em sua chegada ao cargo. Embora ainda traga consigo vícios e teimosias clássicas, o ex-comandante corintiano parece estar mais perto de um triunfo do que todos os seus antecessores de 2002 em diante.

A questão é o quanto Tite resistirá no comando sem ser campeão. A ameaça do atraso é a sombra que o acompanha a caminho do sonhado hexa, ou ao menos de um título na Copa América. Nunca se sabe quando as cabeças da CBF terão a ideia de sacá-lo para promover um terceiro ato de Dunga, ou o enésimo de Carlos Alberto Parreira, enfim, alguém que o valha. Basta apenas uma grande crise ou o mínimo sinal de desespero. D. Sebastião continua sempre à espreita. ■



A Trivela fala do futebol muito além das quatro linhas. Uma comunidade de apaixonados que sabe que o esporte é muito mais do que um jogo: é cultura, identidade, história e política. Dos gramados e arquibancadas à TV e escritórios da Fifa, o futebol é reflexo da sociedade e cotidiano. A Trivela trata de futebol assim: como manifestação cultural.

trivela.com.br



MEDIANO

Hertha Berlim mira papel de destaque que jamais teve na Alemanha, enquanto ganha concorrência de rival cidadão

ALEMANHA | TEXTO E FOTOS POR JESSICA MIRANDA

São quatro euros, por favor— disse a atendente do quiosque. Ainda que no tempo real tenham se passado nanosegundos até a entrega de duas moedas, dentro de mim pareceu um período eterno. Teria eu acabado de pagar em torno de vinte reais por meio litro de Coca-Cola? Diante de meu transparente conflito interno, a moça complementou:

— Três euros pela Coca. Um pelo copo — completou.

Não era como se eu pudesse recusar essa oferta. O líquido já estava no recipiente, com as bolhas murmurando em uníssom vamos logo entrar no estádio. E então eu me atentei. O copo não era apenas um pedaço de plástico. Predominantemente azul, com contornos brancos, trazia o símbolo do Hertha Berlim, a imagem de um atleta, e, logo embaixo do escudo, alguns dizeres revelando que o torcedor é o décimo segundo jogador do time.

Bem, de fato eu precisava dar um apoio para a equipe. O estádio Olímpico de Berlim, casa do Hertha desde os anos 60, foi construído a pedido de Adolf Hitler para os Jogos Olímpicos de 1936, e recebeu naquele domingo de abril (21) os visitantes de Hannover pela trigésima rodada da Bundesliga.

Poupando-os do sofrimento, adianto que, dentro de campo, o que se viu foi um chocho 0 a 0, com Salomon Kalou (aquele, ex-Chelsea) desperdiçando a melhor das escassas chances criadas. Além do deserto de ideias, viu-se também um indesejado protagonismo de Niklas Stark, zagueiro alemão do Hertha, que quebrou o tornozelo no segundo tempo. O jovem de 24 anos provavelmente estará num clube de maior expressão no futuro próximo porque o Hertha é, no máximo, mediano, com o privilégio de estar situado na capital do país.

O público presente foi bem aquém da capacidade de 75 mil pessoas do estádio. Havia buracos enormes entre os torcedores, e até mesmo setores inteiros fechados. Ainda assim, a quantidade média de pessoas do Hertha é superior a qualquer público brasileiro de futebol. Há planos de mudança para um novo lar, que teria menor capacidade, privilegiando o efeito visual de casa cheia, para aumentar o impacto da torcida.

A organizada local fez barulho e contagiou os presentes. Do lado diagonal oposto, os visitantes do Hannover também corresponderam, até mesmo com pirotecnia. A maior curiosidade da partida partiu exatamente da Ostkurve. Enquanto balançavam bandeiras, pulavam e se abraçavam, sem nunca repetir uma canção, eles ainda arranjaram tempo para atirar copos. O destino deles era ou a cabeça dos colegas, ou a pista de atletismo. Os seguranças não esboçaram reação, pois isso aparentemente é algo rotineiro e bem visto. No intervalo, a organização recolheu os objetos, empilhando-os harmoniosamente. Assim, quando novos copos foram arremessados na etapa complementar, um cenário artístico pós-moderno foi criado.

Um distanciamento histórico e motivado

Em meio a todo caos político que o pós Segunda Guerra Mundial trouxe à cidade, costuma-se esquecer de seu impacto na coisa mais importante dentre as coisas menos importantes: o futebol. Por uma questão de poucos metros, o Hertha foi designado para a parte ocidental da cidade. A construção do muro de Berlim, no início dos anos 1960, afastou boa parte de seus torcedores do estádio. Sem ter como assistir às partidas, a ausência dos descendentes desses fãs é naturalmente compreensível.

Mesmo assim, logo após a queda do muro, cerca de 15 mil pessoas do lado oriental foram ver o Hertha jogar, após quase três décadas. Esperava-se que esse movimento continuasse e que o clube, enfim, crescesse, para que num futuro próximo pudesse fazer frente aos clubes de outras capitais europeias. O próprio Kaiser, Franz Beckenbauer, acreditava que o Hertha era como um leão adormecido. Porém, o futuro revelou que, como felino, o clube mais se assemelhava a um gato selvagem — se muito. Os moradores do leste resolveram se entreter de outra forma. O fato de só voltar a disputar a Bundesliga em 1998, após 15 anos na segunda divisão, também fortaleceu o desinteresse do público.

“Berlin ist arm aber sexy”: foi como o DJ Bruno, natural de Madrid, começou a me explicar sobre a cidade pós-queda do muro. Os dois lados se tornaram tão diferentes após décadas de separação e de regimes políticos opostos que ainda hoje parecem países distintos. Em comum, além da língua, há uma sensação de não pertencimento.

Isso, aliado à curiosidade e efervescência de uma nova metrópole, encontrou nos enormes prédios abandonados do lado oriental um ambiente fértil para a cultura de festas. Berlim poderia ser pobre, mas era sexy como nenhuma outra cidade alemã. Daí a sacada de Bruno.

Sexy, mas um tanto quanto alheia ao futebol

A dificuldade de fidelização dos berlinenses pode também ser vista por outro prisma, o da corrupção. Jogava-se a temporada 1970-71, quando o Hertha, mandante e invicto em casa durante todo o campeonato, perdeu a última partida da Bundesliga para o Arminia Bielefeld. O resultado salvou este do rebaixamento, selando o destino do Kickers Offenbach para o descenso. Não pensem, porém, que o Offenbach foi vítima de uma conspiração.

Na realidade, o clube também ofereceu grana para o Hertha vencer este jogo. A oferta do Bielefeld foi melhor e, então, aceita. Excitados, os dirigentes da maior proposta confessaram o jogo sujo numa festa em comemoração à permanência na Bundesliga.

Dias depois, com o cerco investigativo instaurado, Offenbach e Bielefeld foram punidos com rebaixamentos, e mais de 60 pessoas envolvidas foram multadas, incluindo jogadores. Estes alegaram que seus baixos salários, impostos por um teto, motivaram o aceite. Curiosamente, esses limites deixaram de existir na temporada seguinte.

Em 2005, outro escândalo veio à tona, dessa vez envolvendo um jogo do Hertha na Copa da Alemanha: derrota por 3 a 2 para o Eintracht Braunschweig. Suspeitando de uma conexão entre o árbitro da partida e um bar com donos croatas ligados a apostas, a Federação Alemã de Futebol notificou a polícia.

A prisão de dois suspeitos nessa operação levou à denúncia de que três jogadores do Hertha também faziam parte do esquema. Um deles era o zagueiro alemão Alexander Madlung, que marcou um gol contra faltando dez minutos para o fim da partida, fechando o placar desfavorável. O beque entrara em campo dois minutos antes do tento. Não ficou comprovado o envolvimento dos atletas. A proximidade com a Copa do Mundo de 2006, na própria Alemanha,



WEISSAM FÜR BERLIN
BERLIN
DENN DAS IST UNSERE HEIMAT

HERTIA BSC

MITO



acelerou as investigações e punições. No fim, ficou comprovada também a influência em resultados da segunda e terceira divisões locais, com alguns jogos remarcados e outros não, diante da indisponibilidade no calendário. O tradicional Hamburgo recebeu uma indenização de dois milhões de euros pela sua eliminação na Copa da Alemanha, em uma partida contra o Paderborn. O resultado foi uma derrota por 4 a 2, com dois pênaltis terrivelmente mal marcados contra o Hamburgo, juntamente com a expulsão, por reclamação, de seu atacante belga Émile Mpenza.

Em 2019-20, o Hertha terá pela primeira vez um concorrente na Bundesliga vindo de Berlim. O Union, outra equipe da cidade, conseguiu o acesso ante o Stuttgart e promete, com seus torcedores fiéis e aficionados (a ponto de literalmente terem pegado no batente para garantir a reforma do estádio), fazer barulho o suficiente para competir com a cena disco berlinense e as tantas outras opções *cool* de diversão que a cidade incessantemente *sexy* oferece. Resta saber se o mediano Hertha sairá do muro em busca da grandiosidade. ■



É IMPOSSÍVEL INTIMIDAR DUNCAN FERGUSON

Atacante fez história com a camisa do Everton, mas ficou famoso por questões extracampo

ESCÓCIA | POR WLADIMIR DIAS

De um modo geral, estereótipos têm pouca valia. Por mais que necessite se adequar a determinadas convenções para viver em sociedade, o ser humano é, essencialmente, único. Não obstante, são justamente os tais padrões que auxiliam o observador externo a construir a imagem de um determinado povo. Dessa forma, é pouco provável que o escocês médio se ofenda por ser conhecido pelos enormes volumes de bebida alcoólica que consome e a predileção por uma boa briga. Duncan Ferguson não foge à regra.

Meu passado me condena

Era impossível passar despercebido. Com 1,93m e porte físico imponente, Duncan Ferguson era um centroavante que poderia, facilmente, incomodar os defensores adversários. No entanto, uma coisa era, enquanto jogador, dar um empurrãozinho aqui, uma cotovelada ali ou um pisão acolá. Outra, muito diferente, era, por exemplo, cabecear deliberadamente um adversário.

Parecia que Duncan estava destinado ao estrelato quando surgiu no Dundee United. Tinha 18 anos, o talento necessário para empilhar gols e atributos físicos para garantir que essa se tornasse sua realidade. O reconhecimento chegou rápido, já que com 20 recebeu seu primeiro chamado à Seleção Escocesa. Então, foi seguindo os passos normais para alguém que surge no contexto de seu país, mas não nos gigantes de Glasgow: em 1993, agora com 21, foi vendido ao Rangers, estabelecendo o novo recorde britânico de gastos em uma transferência: 4 milhões de libras.

Suas qualidades eram indiscutíveis — da mesma forma que sua propensão para arrumar problemas extracampo. Em 1991, o jogador se envolveu pela primeira vez em problemas com as forças policiais locais. No caso, deu uma cabeçada em um oficial. O resultado foi o pagamento de multa de 100 libras, somado de outras 25 por perturbação do sossego. Dois anos mais tarde, Ferguson voltou a protagonizar cenas lamentáveis. O artilheiro estava em uma fila, aguardando sua oportunidade de pegar um táxi, quando, subitamente, atacou um carteiro que também esperava por um carro. Detalhe: o indivíduo tinha 19 anos e só conseguia caminhar com o auxílio de muletas, já que havia operado os ligamentos de um de seus joelhos. Supostamente, o homem estaria provocando

Duncan e sua namorada, o que teria ocasionado a reação. Logo, diante de provas em vídeo, o jogador foi julgado e condenado ao pagamento de 200 libras de multa. Questionado pelo oficial Andrew Laing, Ferguson garantiu: “Teria feito tudo de novo”, como noticiou o *The Herald*, em março de 1993. Tais acontecimentos fizeram com que o jovem atacante tivesse antecedentes criminais, os quais acabaram sendo determinantes para o destino do jogador.

A cabeçada que custou a liberdade

Em 1994, já como atleta do Rangers, Duncan disputava uma partida contra o modesto Raith Rovers, um time condenado ao rebaixamento, quando disputou a bola e deu uma cabeçada no defensor Jock McStay. O árbitro não viu. E o garoto sequer recebeu um cartão amarelo. No entanto, não escapou à Justiça. Ele estava em liberdade condicional na época dos fatos e acabou condenado ao cumprimento de três meses de prisão.

Para McStay, a cabeçada abriu as portas do inferno, já que logo passou a trocar constantemente de clube (no ano e meio que se seguiu foram três, sendo que ele estava há sete no Raith) e teve de enfrentar uma depressão que o levaria a ser medicado por 18 anos. “Não culpo a cabeçada. As coisas acontecem na vida”, disse em entrevista ao *The Scotsman*. A cabeçada também acabou afastando Ferguson da Seleção Escocesa. A condenação aconteceu em outubro de 1995 e a Scottish Football Association acrescentou um banimento de 12 partidas à sentença. Sentindo-se traído por quem, a seu ver, deveria ter lhe estendido a mão, Duncan anunciou que não voltaria a representar seu país, que só defendera em sete ocasiões.

“É um vazio enorme. Pensei muito nisso durante minha carreira. As pessoas que me conhecem sabem que gostaria de ter jogado 100 vezes pelo meu país [...] Eu poderia ter voltado, mas por causa da situação com a SFA mantive minha posição. Ainda acredito que fiz bem”, afirmou ao *The Journal*.

Ser roubado? Jamais

Outro capítulo marcante na trajetória do escocês — e igualmente inusitado — aconteceu em janeiro de 2001. Já jogador consagrado do Everton, tendo também passado brevemente pelo Newcastle,



foi surpreendido quando, aproximadamente à uma hora da manhã, dois homens tentaram invadir sua casa. Ao seu estilo, desafiou os intrusos.

Enquanto Ferguson aplicava uma bela surra em um deles, Barry Dawson, o outro, Michael Pratt, certamente espantado diante da reação do homenzarrão, fugiu da cena do crime. Duncan deixou o incidente com escoriações na cabeça, já o ladrão... Bem, ele foi levado de ambulância ao hospital.

O atacante acabou felicitado pelo inspetor Steve Sansbury: “Um dos alegados infratores foi levado ao hospital para tratar as lesões obtidas durante uma briga com o dono da casa [...] Estamos satisfeitos que o proprietário, que também se machucou no incidente, tenha agido brava e responsabilmente quando encontrou os intrusos em sua casa”, relatou o *The Herald*. A situação, por si só, é suficientemente insólita para ocorrer uma vez. Imagine duas.

Dois anos mais tarde, em janeiro de 2003, um novo (e desavisado) ladrão tentou invadir a residência Ferguson. Dessa vez, a situação não se desenrolou tão calmamente para o jogador. Novamente, o atacante deu uma coça memorável no invasor. Carl Bishop, de 37

anos, declarou-se culpado pela invasão, mas formalizou acusações face ao jogador por agressão, o que o levou a ser investigado. Concluiu-se que Bishop, contra quem já pesava uma condenação criminal, deveria estar sob a custódia das autoridades, depois de falhar em um teste de drogas. Assim, um mês mais tarde, o caso foi arquivado e, aparentemente, os criminosos locais entenderam que deveria haver casas mais fáceis de se assaltar.

“Palavra de honra: nunca comecei nada, mas terminei algumas coisas”

A vida de Ferguson, um homem que intimidava até mesmo o irlandês Roy Keane, histórico capitão do Manchester United — que chegou a admitir que “procurava ficar longe dele” durante os jogos — também passou por outros momentos emocionantes. Um deles ocorreu pouco após sua chegada ao Everton, às vésperas de seu primeiro derby contra o Liverpool. Duncan havia ido a um bar e consumido álcool. Posteriormente, enquanto retornava ao seu quarto de hotel, onde vivia temporariamente, foi parado por dirigir perigosamente.

Segundo narra o jornalista Alan Pattullo, autor do livro *In Search of Duncan Ferguson: The Life and Crimes of a Footballing Enigma*, teria se desenrolado uma conversa entre o atleta e o policial responsável. “Você bebeu?”, teria questionado o oficial. “Não, não, não, eu não bebi”, respondeu Ferguson. O jogador entregou a chave de seu quarto à garota que o acompanhava e seguiu para a delegacia da St. Anne Street. Ao perceber de quem se tratava, outro policial, torcedor do Everton, tentou lhe dar bastante água, para ajudar a diminuir a concentração de álcool em seu sangue, antes de fazer um exame. Segundo o jogador, o teste indicou um excesso de apenas 15 miligramas, o que foi recebido com surpresa: “Não sei o que aconteceu — eu havia bebido cinco garrafas de vinho tinto!”. Na ocasião, o atacante foi obrigado a pagar uma multa de 500 libras.

Dentro do campo, *Duncan Disordely*, como ficou conhecido, também protagonizou outros momentos facilmente esquecíveis. Certa vez, Ferguson disputava um clássico contra o Liverpool quando dominou uma bola, passou-a e se chocou com Paul Ince, que tentava recuperar a posse. Duncan simplesmente o jogou uns dois metros adiante. Pelo pescoço. E essa não foi uma das nove



vezes em que foi expulso durante a carreira — oito delas em jogos de Premier League.

Já em 2004, em jogo contra o Leicester, Ferguson, com toda a sua sutileza, deu uma gravata no alemão Steffen Freund, com quem disputava uma bola. Foi marcada a falta e o escocês acabou amarelado. Irresignado, foi atrás do árbitro, verbalizando toda a sua indignação. Foi expulso e ainda tentou ir para cima de Freund outra vez, agarrando-o pelo pescoço. Em outra ocasião, durante jogo contra o Wigan, em 2006, o atacante vinha se engalfinhando com o zagueiro Paul Scharner, até o jogador o jurar. Pouco importa que tenha sido em austríaco. O goleador se sentiu ofendido e lhe entregou um soco no estômago. “Ele foi expulso, mas eu comecei a gostar de como ele conquistou sua reputação como um *hard man*. Foi um bom soco, tenho que admitir”, disse Scharner ao *Daily Mail*. Além do vermelho, o escocês ainda foi punido com uma suspensão de sete jogos.

Há mais casos. Talvez por isso o atacante protagonize um livro. Quem o conhece, diz que Duncan Ferguson tem um coração enorme, em que pese sua propensão a se colocar em confusões. Pelo que fez dentro dos campos, assumiu a condição de ídolo do Everton. Aposentado em 2006, voltou em 2011 para trabalhar como treinador de categorias de base e, desde 2014, é um dos auxiliares técnicos do time principal. Ele também se tornou o escocês que mais vezes marcou gols na Premier League (69). Algo de bom *Big Dunc* deve ter feito durante seus 16 anos de carreira, afinal. ■



TROCA DE CORAÇÃO

Florencia Bonsegundo e Lee Alexander viveram minutos alucinantes na despedida de Argentina e Escócia pela Copa do Mundo Feminina

MUNDO | POR FELIPE PORTES

A Escócia estreava em Copas do Mundo e queria ir além da primeira fase. A Argentina, que somara seu primeiro ponto na história contra o Japão, na primeira rodada, ainda tinha alguma chance. Em 19 de junho de 2019, na cidade de Paris, ambas precisavam vencer para sobreviver. O último trem para as oitavas de final estava passando. Quem iria embarcar? A Escócia, com muitas representantes na forte liga inglesa, levava alguma experiência para o confronto. E vontade. Tanta que abriu 3 a 0 no placar, gols de Kim Little, Jenny Beattie e Erin Cuthbert. Cruel, implacável, determinada a arrancar a vaga na base da força. O relógio era inimigo declarado das argentinas.

Cinco minutos depois do gol de Cuthbert, aos 74, a Argentina reagiu. Milagros Menéndez apareceu na área e marcou o primeiro. Aos gritos, desabafou. Cumpriu o papel da atleta que substituíra sua capitã, Estefanía Banini, líder técnica da seleção, que teve de acompanhar o fim do drama do banco de reservas. Às que continuavam em campo só restava lutar.

Aos 79, o nosso duelo-chave teve seu primeiro ato. Audaciosa, Florencia Bonsegundo arriscou de longe. O desespero falava mais alto. E a goleira Lee Alexander, heroína da Escócia, falhou, espalmando para dentro. Já não era loucura apostar no empate. Sobretudo quando, aos 85, Caroline Weir fez o impensável: um pênalti infantil em um carrinho. A Escócia, então classificada, estava por um fio.

Após uma longa espera pela resolução da árbitra Hyang Ok Ri, Bonsegundo foi para a bola. Correu devagar, bateu fraco, Alexander se esticou e salvou. No rebote, a escocesa foi muralha outra vez e afastou para escanteio a chance de Florencia. A Escócia escapava da degola e Lee voltava a ocupar uma posição gloriosa em campo. Ufa. Bonsegundo, que teve nos pés a chance de aproximar a Argentina de uma classificação inesperada, acabou sugada pelo buraco negro da frustração.

Regras foram feitas para ser seguidas. Mas ninguém disse que seria impossível contestá-las. Quis a arbitragem que o pênalti fosse invalidado, por um movimento irregular de Alexander ao saltar sobre a linha. A regra, que praticamente incapacita goleiros de se



movimentarem para a frente, culminou com uma nova cobrança de Bonsegundo. Desta vez, Alexander se limitou a ficar parada, completamente resignada com a injustiça que sofrera. Bonsegundo empatou, respirou com alívio e ficou por isso mesmo: nem tanto um conto de fadas, mas uma demonstração de orgulho às suas cores, em uma despedida que custou 120% do que elas eram capazes de oferecer. As britânicas, que experimentaram por 50 minutos a classificação, naufragaram de uma maneira tipicamente escocesa.

A redenção não está ao alcance de todos. Para ser vilão, basta entrar em campo. Quem decide o destino, ao fim do dia, é ela, a bola. Ou, de uns tempos para cá, alguém na sala do VAR interpretando à risca a regra e observando o limite da área permitida para os goleiros nos pênaltis. ■

FOOTURE

Podcasts Futeboleiros



The Pitch Invaders

Grandes convidados e análises profundas sobre o que acontece dentro e fora das quatro linhas.



Calciopizza



Leo Bertozzi, Mauro Rodrigues e grande elenco debatem o futebol italiano com pautas atuais e históricas.



Entrelinhas



Léo Miranda e Renato Rodrigues analisam e debatem assuntos relevantes do futebol brasileiro e internacional.



Footurismo



Paulo Galçade e Eduardo Tega falam sobre as tecnologias e inovações que vão mudar o futebol.



El Perro Invasor



O Footure em espanhol. Convidados de vários países trazem as mais diversas visões sobre o futebol.

Disponíveis nas plataformas:



www.footure.com.br



O DOLOROSO JEJUM DO GLORIOSO

Há 30 anos, o Botafogo encerrava sua mais longa seca de títulos, uma fila que atravessou duas décadas e viu o mundo mudar à sua volta

BRASIL | POR FERNANDO CESAROTTI

“O ADEUS AO TRI”. Foi assim, em letras maiúsculas, mas num modesto cantinho inferior, que o jornal *O Globo* de quinta-feira, 6 de junho de 1969, registrou, peremptório, a eliminação do Botafogo na disputa pelo título carioca daquele ano. Ainda faltavam três rodadas para o fim do octogonal decisivo, mas o destino alvinegro parecia já traçado, como confirmaria a manchete da página 22: “Despede-se o Botafogo com a vitória do Vasco”, dizia o texto, letras garrafais, acima de fotos que registravam o triunfo cruz-maltino daquela noite. O time de Zagallo, diz o anônimo redator, não soube escapar da arapuca montada por Evaristo de Macedo, treinador vascaíno, que “deixou Gérson jogando à vontade, mas neutralizando Roberto e Jairzinho, a fim de que Gérson não pudesse fazer seus lançamentos”.

O tempo confirmaria as previsões do diário. Na tarde de 15 de junho, restou ao Botafogo fazer contra a Portuguesa, num modorrento 0 a 0, o jogo preliminar do Fla-Flu que daria o título carioca de 1969 ao Tricolor — com uma rodada de antecedência, após uma eletrizante vitória de 3 a 2 definida com um gol de Flávio Minuano. Restaria ao Glorioso carimbar a faixa do campeão, com um triunfo por 3 a 1 sobre o Flu na última rodada. No entanto, nem o mais pessimista alvinegro que frequentou o Maracanã naquele fim de outono, a mais ou menos um mês de o homem pisar na Lua pela primeira vez, imaginaria que demoraria duas décadas para voltar a festejar um caneco.

Título era rotina para o Botafogo daquele tempo. Nem mesmo a saída do ídolo Garrincha faria o time perder a rota das conquistas, como provava o bicampeonato estadual em 1967-68. Meses depois, o time até seria campeão de novo, em uma esvaziada e derradeira edição da Taça Brasil, ainda válida por 1968 e que só seria decidida em 4 de outubro de 1969.

O momento seria bem mais lembrado pelo fato de que o Brasil vivia um momento turbulento à espera de novo presidente — o general Arthur da Costa e Silva estava afastado havia mais de um mês, vítima de um AVC. Na segunda-feira, dia 6, a capa de *O Globo* destacava que o novo presidente seria anunciado naquele dia, e mesmo a capa do caderno de Esportes destacava a vitória do Flamengo sobre o Vasco pelo Robertão, com o triunfo do Botafogo

aparecendo apenas na página 2. Ainda em 1969, já com Emilio Medici empossado no comando do país, o torcedor alvinegro voltaria a sonhar no próprio Robertão, esse sim valorizado como o principal certame nacional. O time chegou ao quadrangular final, mas tropeçou no único jogo que faria no Maracanã: empate por 2 a 2 com o Cruzeiro, depois de estar perdendo por 2 a 0. “Botafogo empata na raça”, registrou o Jornal dos Sports do dia seguinte. Raça teve, mas faltou bola: uma derrota para o Corinthians por 1 a 0, no Pacaembu, tirou o Fogão da briga, e a campanha foi encerrada com uma derrota por 3 a 1 para o campeão Palmeiras, no Morumbi.

A vitória que valeu por uma década

Começaria então o calvário da torcida botafoguense, que passou a acompanhar campanhas discretas do time que havia sido um dos papões de títulos do futebol brasileiro na década anterior. O Botafogo ainda começaria a década em alta, chegando ao triangular final do Brasileirão de 1971 e ao vice-campeonato em 1972, mas sua grande alegria viria num jogo isolado: em 15 de novembro de 1972, pelo torneio nacional, o Glorioso aplicaria uma histórica goleada de 6 a 0 sobre o Flamengo, no dia do aniversário do rival. Foram três gols de Jairzinho, dois de Fischer e um de Ferreti, todos registrados com pompa e circunstância pelos jornais cariocas do dia seguinte e eternizados nas ondas do rádio. O Fogão chegaria até a decisão, mas acabaria outra vez superado pelo Palmeiras, que tinha melhor campanha e segurou um empate sem gols no Morumbi.

O tempo foi passando e, quanto mais o formulismo se apoderava do futebol brasileiro, mais longe o Botafogo ficava das conquistas. Em 1975 (não se perca na linha do tempo: o ditador-presidente já era Ernesto Geisel), venceu o jogo derradeiro do Carioca contra o Fluminense por 1 a 0, mas viu o rival levar a taça no saldo de gols no triangular decisivo – precisava vencer por três tentos de diferença. No ano seguinte, terminou em último no quadrangular final. Foi o ano da extinção da Guanabara — nome dado ao antigo Distrito Federal após a fundação de Brasília e a transferência da capital — e da unificação do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1979 (momento em que João Figueiredo já usava a faixa presidencial), o Alvinegro não teve chance em nenhum dos dois Cariocas disputados. Por outro lado, em um gigantesco Brasileiro

Não era um sonho: 6 a 0, a humilhação devolvida

Foram muitos os que acreditavam que o Botafogo não seria campeão estadual. Mas o clube acabou sendo campeão em 1981.

Seu técnico foi o então presidente do clube, o então presidente do clube, o então presidente do clube...

Em 1981, o Botafogo venceu o campeonato estadual de futebol. Foi um feito histórico para o clube, que vinha sofrendo com a falta de recursos e a falta de jogadores.

A vitória veio depois de uma campanha invicta. O time conseguiu vencer todas as partidas, incluindo a final contra o Flamengo.

Essa vitória trouxe muita alegria para os jogadores e para os torcedores. Foi um momento de grande importância para o clube, que estava passando por uma crise financeira e de jogadores.

Em 1981, o Botafogo venceu o campeonato estadual de futebol. Foi um feito histórico para o clube, que vinha sofrendo com a falta de recursos e a falta de jogadores.

Essa vitória trouxe muita alegria para os jogadores e para os torcedores. Foi um momento de grande importância para o clube, que estava passando por uma crise financeira e de jogadores.

A vitória veio depois de uma campanha invicta. O time conseguiu vencer todas as partidas, incluindo a final contra o Flamengo.

Essa vitória trouxe muita alegria para os jogadores e para os torcedores. Foi um momento de grande importância para o clube, que estava passando por uma crise financeira e de jogadores.



de 94 times, entrou direto na segunda fase, mas foi eliminado depois de apenas sete partidas, num grupo em que avançaram Operário de Campo Grande e São Bento de Sorocaba.

A fila, melancólica, já alcançava uma década e o clube começava a acumular problemas financeiros que culminariam na venda da sede de General Severiano para a Vale do Rio Doce — ainda uma estatal, que queria construir uma nova sede ali, na zona sul, mas desistiu da ideia, com o clube voltando para casa na década de 1990.

A polêmica no Morumbi e a derrota mais dolorida

Em 1981, o cenário parecia mais promissor. O Botafogo começou mal o Brasileiro, ficando em sétimo entre 10 clubes no Grupo B, e avançou à segunda fase na conta do chá. Na última rodada, no interior baiano, perdeu para o Galícia por 3 a 1, jogando “desarrumado e mal preparado”, segundo O Globo. Só escapou da eliminação porque o Pinheiros perdeu para o Corinthians em São Paulo. Entretanto, o regulamento zerava tudo nas fases seguintes. O Fogão renasceu e liderou sua chave na segunda etapa, passando invicto por Santos, Bangu e Mixto. Vieram então os mata-matas, e o time superou o

CSA, nas oitavas, e o Flamengo, campeão nacional, nas quartas, com uma vitória sonora por 3 a 1.

Nas semifinais, o time encararia o São Paulo no seu mais importante confronto em cenário nacional após quase uma década. Treinado por Carlos Alberto Silva, o time paulista vivia sua versão da “Máquina Tricolor”, que levaria dois Estaduais em seguida, mas no jogo de ida, no Maracanã, o Botafogo se saiu melhor ganhando por 1 a 0. Quatro dias depois, no Morumbi, o Fogão abriu 2 a 0, gols de Jérson e Mendonça.

Apesar disso, o São Paulo virou, com um tento de Serginho e outros dois de Everton, num jogo que até hoje rende histórias nebulosas. Segundo o Botafogo, seguranças são-paulinos agrediram o árbitro Braulio Zanotto nos vestiários do Morumbi durante o intervalo do jogo e, na volta para o segundo tempo, o então presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), Nabi Abi Chedid, disse ao juiz que “se o São Paulo não vencer, você não sairá com vida aqui”, registrou *O Globo* na versão dos cartolas cariocas.

O Botafogo ameaçou melar o campeonato na Justiça Desportiva, mas a ideia não vingou e o São Paulo foi à decisão para ser derrotado pelo Grêmio. No mesmo jornal, porém, o cronista Sergio Cabral cornetou muito a retranca armada pelo técnico Paulinho de Almeida no segundo tempo: “O Botafogo apequenou-se numa cera inexplicável. (...) Quem joga com medo não ganha uma simples partida de buraco.” O alvinegro não se deixou abalar e fez um Estadual honesto até o dia 8 de novembro, quando reencontrou o Flamengo, em jogo válido pelo terceiro turno. Até então, o time não perdera para o rival naquele campeonato, mas a vingança veio com juros — nove anos de juros.

“Um dia que a História do Futebol não pode esquecer”, cravou Sergio Cabral em sua crônica. O grito de “queremos seis” ecoou no Maracanã desde o quarto gol, marcado por Adílio ainda no primeiro tempo, até os 30 minutos da etapa final. Então, Zico fez o quinto, de pênalti. O coro se transformou em “mais um” por outros 12 minutos, quando um golaço de Andrade selou a vingança rubro-negra. Desse jogo, o Flamengo partiu para emendar as conquistas do Estadual, da Libertadores e do Mundial Interclubes, e o Botafogo seguiu seu

ostracismo. O clube passou boa parte da década de 80 envolvido em problemas financeiros e crises políticas. Alegrias esparsas vinham com uma ou outra vitória em clássico e nas convocações de seus raros craques – Josimar era jogador do clube em sua meteórica carreira na Seleção marcada pelos gols na Copa de 1986, no México. Nem sequer a decisões do Carioca o Botafogo chegaria por aqueles longos anos.

O Brasil já tinha deixado para trás a ditadura e se preparava para sua primeira eleição presidencial em 30 anos quando o Glorioso ressurgiu, em 1989. Depois de bater na trave na Taça Guanabara, ficando a um ponto do Flamengo, o Botafogo levou o título da Taça Rio, seu primeiro caneco em muitos anos. E, tendo melhor campanha, chegou à decisão contra os rubro-negros, largando com a vantagem de um ponto extra na melhor de quatro pontos (em mais uma dessas fórmulas malucas de campeonato estadual). No primeiro jogo, 0 a 0. Bastariam mais dois empates para a taça, mas a urgência alvinegra era maior. Na segunda partida, em 21 de junho, a ansiedade durou até os 12 minutos do segundo tempo, quando Mazolinha escapou pela esquerda e cruzou para Maurício, que bateu firme, sem defesa para Zé Carlos. Duas décadas de espera chegavam ao fim numa noite de quarta-feira. A Estrela Solitária enfim voltava a brilhar. ■





MUDANÇA DE HÁBITO

Ruud Gullit sugeriu ao PSV que mudasse as cores do uniforme para inaugurar um novo período. O clube engatou uma longa hegemonia depois disso

HOLANDA | POR FELIPE PORTES

O que não falta na Holanda são clubes que vestem as mesmas cores. A Eredivisie deve ser a liga com mais representantes alvirrubros na elite.

Para a edição 2019-20 da competição, Ajax, PSV, Feyenoord, Twente, AZ, Utrecht, Sparta Roterdã e Emmen entrarão em campo usando o mesmo vermelho e branco. Há que se ter criatividade em um contexto desses para que os uniformes não caiam na vala comum do esquecimento e do tédio.

Nos anos 1980, na tentativa de assumir o trono ocupado pelo Ajax, o PSV resolveu fazer apostas de impacto. Verdade seja dita, existe um choque cultural entre o futebol praticado em Eindhoven e Amsterdã. A antítese entre eles não está restrita apenas às conquistas em campo e ultrapassa as barreiras de como o esporte é pensado. Na Holanda, o futebol é uma questão quase filosófica, e assim se batem, desde então, as grandes potências do país no século XXI, diante da decadência do Feyenoord.

A ideia inicial e ambiciosa do PSV em pinçar talentos dos rivais mostrou-se uma excelente estratégia. Ao atrair Gerald Vanenburg, Frank Arnesen, Ronald Koeman, Ruud Gullit, Wim Kieft, Soren Lerby e Eric Gerets em curto espaço de tempo, entre 1985 e 87, a agremiação de Eindhoven mostrou um desejo enorme de fazer frente ao rival e também um bom papel continental.

E o currículo dos reforços era respeitável: Vanenburg e Koeman vieram direto do Ajax e Gullit foi tirado do Feyenoord. Outros astros, como Lerby (veio do Monaco), Arnesen (do Anderlecht), Wim Kieft (do Torino), também tinham histórias no passado recente com o Ajax. O golpe estava claro: além de apostar em figurões, o PSV também queria atingir a autoestima de um combalido rival. Nem mesmo a estreia de Johan Cruyff como treinador em Amsterdã aplacou os Boeren de uma fase de sucesso estupendo.

Novas ideias, novo fardamento

A promessa de mudar de patamar também se deu no uniforme. Logo em sua chegada, Gullit, o carro-chefe do projeto do PSV, resolveu mostrar personalidade. Muito mais do que o motor do sucesso do clube, o craque de dreadlocks se provou influente na

mentalidade da equipe. Responsável maior pelo bom desempenho em campo, o camisa 10 tentou aplicar alguns princípios que havia aprendido com Cruyff. Isso mesmo, no principal opositor de Johan na Holanda. É o que Ruud conta em seu livro, *How to watch football*:

“Quando cheguei ao PSV, imediatamente entendi o que Cruyff havia dito. Não é que o PSV não quisesse ser campeão. Não, eles realmente queriam isso, era uma obrigação. Para tanto, eu fiquei com essa missão de conduzi-los ao título, isso foi falado publicamente na minha apresentação. E eu era quem tinha de lidar com essa responsabilidade. Felizmente, o PSV é um clube calmo, amistoso, então não tive dificuldade em fazer minha presença ser sentida. Na verdade, fui até super cauteloso por vezes. Acumulei toda aquela expectativa pela vitória nos meus ombros e assumi carregar esse peso de voltar a vencer. Eu queria muito ser campeão de novo, entregar o que esperavam de mim. Até fiz com que eles mudassem o uniforme. O PSV jogava de camisas vermelhas, calções pretos e meias vermelhas. Para mim, isso era horrível, deprimente, escuro demais, não irradiava a força e o frescor que eu procurava. Então, em 1986, sugeri uma combinação de camisas vermelhas, com calções e meias brancas. Era um sinal poderoso aos nossos rivais. Nos sentimos maiores e ainda mais fortes.”

Gullit de fato respondeu às cobranças e os uniformes caíram bem como metáfora do novo ânimo em Eindhoven. Com o marketing apropriado, qualquer ideia pode ser emplacada. Nesses termos, o PSV foi bicampeão holandês em 1986 e 87, alçando voo (já sem Gullit, que foi para o Milan após o segundo título) para a glória europeia em 1988, e enfileirando outras três conquistas da Eredivisie até 1992.

A combinação de calções e meias brancas permaneceu como primeira opção até 1995. Em 1989, potencializado pelos gols de Romário, o clube adotou novamente a camisa listrada em vermelho e branco, que fora abandonada em 1976. Para quem tem menos de trinta anos, é difícil pensar no PSV vestido de outra forma.

Tudo porque um dia Gullit teve uma epifania, que pode muito bem ter sido uma superstição levada ao cabo. Às vezes, não basta ser diferente, é preciso parecer diferente também. ■



Assine a *Relvado* e concorra a brindes mensais. Como assinante, você tem acesso antecipado às edições, todo o acervo da revista à disposição e desconto nas edições mensais. Planos populares a partir de R\$5.

revistarelvado.com.br/assine-a-relvado

relvad:



QUEM GOLPEIA OS GOLPISTAS?

Episódio de corrupção envolvendo a Roma em uma semifinal europeia foi uma das maiores trapalhadas do futebol moderno

ITÁLIA | POR FELIPE PORTES

Escoceses de Dundee costumam ter más lembranças face a qualquer menção à Roma. A mágoa remonta ao ano de 1984, quando o Dundee United viveu um legítimo sonho de conquistar a Copa dos Campeões. No entanto, dura como concreto, a realidade impediu que os escoceses alcançassem uma eventual final britânica contra o Liverpool. Até hoje, os jornais do país retratam a semifinal contra a equipe italiana como um ponto dramático, causador de profundo trauma na identidade do futebol local. “Roubo”, repercutiu o *Independent*, com aspas de jogadores que estiveram no confronto.

Roubo. Não porque tenha havido alguma marcação controversa da arbitragem. Entretanto, no que dependesse dos italianos, o francês Michel Vautrot só apitaria faltas a favor do time da casa no Olímpico. Pressionada, a Roma precisava reverter uma desvantagem de dois gols. Em Dundee, no Tannadice Park, os Tangerinas ofereceram à torcida uma das grandes atuações da história, com um triunfo inesperado por 2 a 0. Prevendo dificuldades na capital italiana, o presidente romanista Dino Viola tentou mover algumas cordas obscuras para facilitar a complicada missão.

Era um fenômeno ter o Dundee como um dos quatro melhores europeus daquele ano, e há quem diga que eles não ficariam devendo em nada ao poderoso Liverpool. Por outro lado, apesar do histórico de clube médio/grande da Itália, a Roma representar a liga mais rica e com mais craques era um sintoma da imposição da Serie A perante as demais. Assim sendo, era normal ter um representante do Bel Paese brigando pela principal taça europeia. Para a Roma, que atravessava um momento especial, seria a joia da coroa de uma geração fantástica.

Segundo Dino Viola, o clube deveria fazer o impossível para perseguir o sonho continental. Para se juntar a Milan e Internazionale no grupo de campeões europeus, valeria tudo. Até mesmo pagar ao árbitro francês Michel Vautrot para ser mais leniente com a postura dos giallorossi em campo.

Graças a um contato de um cartola do Genoa, Spartaco Landini, que se dizia conhecido de Vautrot, Viola estava a apenas um telefonema de confirmar o suborno. Landini pediu 50 mil libras



Vautrot (centro), entre Gullit e Dasaev, antes de apitar a final da Euro 1988

para realizar a operação. Um jantar em um restaurante romano selaria a negociação. Tudo arquitetado por terceiros.

Apesar de buscar um atalho para a final, a Roma não precisou da arbitragem favorável como planejava no jogo de volta. O único lance controverso foi um pênalti cometido pelo goleiro Hamish McAlpine em Roberto Pruzzo. Minutos antes, Cerezo havia sido puxado pelo calção dentro da área, mas Vautrot mandou seguir. Além das justas acusações de que o jogo foi vendido, o clima no Olimpico estava tóxico. Pilhados por uma suspeita de que o Dundee jogou dopado na primeira partida, os romanistas entraram para matar. Após o apito final, com a missão cumprida (o placar sinalizando 3 a 0, preenchido duas vezes por Pruzzo e outra pelo capitão Agostino Di Bartolomei), houve cusparada, socos e xingamentos dos italianos direcionados à delegação do Dundee, que teve de ser escoltada para os vestiários. A Roma avançou. Sem ajudinha, diga-se.

Na final, contra os *Reds* de Liverpool, um empate em 1 a 1 levou a decisão para os pênaltis. A Roma, que teve a honra de jogar a decisão em casa, perdeu diante de sua torcida e também ganhou um trauma para chamar de seu, inclusive com a morte do capitão Di Bartolomei, exatos dez anos após a derrota. Coisas do futebol. Ou karma, para determinadas crenças. Riccardo Viola, filho de Dino, revelou em 2011 que a proposta de suborno era verdadeira, mas que a tentativa falhou. Vautrot jamais recebeu qualquer valor. O que se sabe é que os intermediários ficaram com o dinheiro e deram no pé. No fim, o Dundee ficou sem a final britânica e a Roma sem o título europeu. Cada um sabe da sua dor. ■



A *Relvado* agora pode pintar no seu Kindle!

Todas as edições disponíveis em
bit.ly/relvadokindle

amazon

relvado



A DERROCADA DE FASHANU

Primeiro jogador a se assumir como homossexual no futebol, atacante teve problemas sérios com Brian Clough no Nottingham Forest

INGLATERRA | POR FELIPE PORTES

A figura de um dos maiores treinadores do futebol inglês, Brian Clough, ainda é comumente associada ao sucesso estrondoso que ele obteve enquanto comandou o Derby County e o Nottingham Forest, entre os anos 1970 e 90. Para muitos especialistas, *Cloughie* foi o mago responsável por alçar dois times pequenos ao topo da pirâmide nacional. Para outros, Brian era um chefe severo demais e que falhou feio com um atleta que poderia ter sido um pupilo brilhante.

Negro, talentosíssimo, considerado um astro do futuro. Os gols, que saíam com facilidade, alçaram Justin Fashanu à fama em um país em ebulição. Nos anos 70, não era comum atletas negros dividirem espaço com os brancos. É impossível, portanto, desassociar a ascensão de Fashanu à tardia convocação do lateral negro Viv Anderson pela seleção inglesa, em 1978. Note-se que a presença de famílias imigrantes vindas da África não era exatamente uma novidade naquele contexto histórico.

Para um país que há muito se relacionava com outras nações e que tinha no futebol uma tradição que remete à época vitoriana, ter um negro em posição de destaque apenas no ano de 1978 era por si só um depoimento fortíssimo a respeito da segregação racial e do papel do negro na sociedade. Com isso em mente, os futebolistas negros que vieram depois de Fashanu encontraram um caminho não menos turbulento. Hostilizados o tempo inteiro pela torcida, usaram a bola como uma das principais armas (e porque não escudos) contra as manifestações de ódio vindas de fora das quatro linhas.

Enquanto o negro pobre e contemporâneo de Fashanu vivia recluso no gueto, sem perspectiva de melhora, os jogadores proeminentes que deixaram essa condição surgiam como esperança de tempos mais prósperos, ou pelo menos mais seguros. Nesse sentido, a estrutura do futebol inglês passou a abarcar mais nomes como o de Viv, Justin, e posteriormente o de Laurie Cunningham, outra trágica história daquela época, ainda que por motivos distintos.

Como não se encantar com uma potência física tão grande, que se firmava não só como material humano, mas também como uma

figura da nova Inglaterra, mais democrática, racialmente falando? O sucesso parecia iminente na carreira de Fashanu, revelado pelo Norwich. Na virada para a década de 1980, ele ficou definitivamente em evidência, atraindo interesse de grandes clubes ingleses.

O novo homem gol do Forest

Em 1981, os destinos dele e de Clough se cruzaram no Forest, já em lento declínio após a conquista formidável do bicampeonato europeu. Os Reds haviam perdido Trevor Francis, autor do gol da conquista continental em 1979. Fashanu chegou e logo carregou o fardo de ser o primeiro negro a se transferir por 1 milhão de libras. Recorde similar ao de Francis, não fosse a cor da pele.

As barreiras estavam sendo rompidas pelo Forest, que se alimentou do ineditismo em diversas ocasiões. Mas Justin não encontrou no City Ground a satisfação que procurava. A vida particular, em evidência por conta do desempenho em campo, ficou cada vez mais atribulada. Enquanto a Inglaterra esperava um grande craque ser lapidado, Fashanu crescia como figura popular e admirável. Todos queriam um pedaço dele a qualquer custo. O sorriso e o carisma ajudaram na subida alucinante.

Clough precisava de um centroavante de qualidade similar à de Francis, vendido à Sampdoria com a missão cumprida. Assim sendo, Fashanu era um substituto mais jovem e adequado para a função. Contudo, um fator externo incomodou profundamente o treinador: os rumores de que Justin era ávido frequentador de boates e bares homossexuais. Para um homem que tinha histórico como disciplinador e linha dura, o fato de Clough encrencar com o que um jogador fazia na surdina não era nem um pouco surpreendente. O problema maior não era necessariamente com as saídas, e sim o contexto específico de cada uma delas.

A pressão por gols e a cobrança pessoal de Brian mexeram com a cabeça de Justin. O valor excessivo da transferência foi um fator, e a falta de entrosamento com os companheiros também pesou para essa sensação de deslocamento. No documentário “Forbidden Games: The Justin Fashanu Story”, ex-colegas do atacante no clube de Nottingham deram depoimentos sobre o assunto. John McGovern, um dos líderes do elenco, citava a “extravagância”



nas vestimentas de Justin, além de afirmar que o camisa 9 não se integrou da maneira correta. Em essencial, McGovern atribuiu a Fashanu um desempenho “medíocre” para tamanho investimento.

O inferno pessoal

Incapaz de se encaixar na personalidade que Clough queria lhe inculcar, Justin logo teve uma queda de rendimento, o que culminou em enorme abuso por parte da torcida. Diferente de McGovern, Clough não tentou esconder a justificativa para o tratamento desigual dado ao seu atacante. A orientação sexual era um problema para o comandante, que queria ter controle sobre o jogador. Outro companheiro que fala no documentário é o ex-zagueiro Frank Clark, que resume Justin como “obstinado e teimoso”, características que colaboraram ainda mais para a fritura da relação, na visão de Clark.

Logo, o homem de 1 milhão de libras se transformou em um enorme problema. As constantes rixas entre Fashanu e Clough fizeram o atacante ser emprestado ao Southampton, após mais de 30 jogos e meros três gols. O livro “Provided You Don’t Kiss Me”, de Duncan Hamilton, se debruça sobre a trajetória de Clough no Forest e oferece uma perspectiva mais próxima do episódio definitivo da história entre ambos. Hamilton, jornalista do *Nottingham Evening Post*, conviveu durante vinte anos com o técnico e entendeu como

ninguém os eventos que antecederam o despacho de Justin aos *Saints*.

Em certo trecho, que descrevia a relação de Brian com seus atletas, o autor explica: “Clough tinha dificuldade em lidar com jogadores que não se enquadravam no perfil de um futebolista. Esse certamente era o caso de Justin Fashanu, o primeiro craque abertamente gay do Reino Unido, que por mais que exibisse uma imagem de autoconfiança, era um homem confuso e vulnerável à procura de apoio, não de críticas. Fora dos gramados, Fashanu se vestia de uma maneira que Clough via como ousada e extravagante, fazendo uso de muitas joias. ‘Bem, se ele quer se mostrar, por que não faz isso em campo?’, disse. Fashanu era encantador, bem educado e lúcido sem ser academicamente brilhante para isso, usava ensaios de moda para ganhar dinheiro extra. E tinha um massagista próprio. ‘Ele tem um parafuso a menos, é maluco e mente muito!’, disparava Clough.”

Pior do que isso: Fashanu ficava visivelmente em pânico quando ouvia falar de Brian ou estava próximo a ele. Hamilton relata isso com mais precisão no mesmo capítulo do livro: “Ele suava frio quando nos referíamos a Clough. ‘É o jeito que ele me olha, ele não gosta de mim e nunca vai gostar.’ Ao ponto de ter me ligado em uma madrugada me perguntando se o jornal não podia arrumar uma transferência dele para o Notts County. ‘Eu gosto de Nottingham, mas não quero ficar no Forest. Ao menos não com ele’”, cita Duncan.

Como não tinha a mínima ideia do que fazer com o jogador, Clough optou pela saída mais fácil. Liberá-lo ao Southampton — não sem antes dar um sinal grotesco de que não o respeitava. Antes de uma partida pelo Forest, na Liga Inglesa, Fashanu se separou da delegação afirmando que não estava bem para jogar. Clough deu um tapa na cabeça de Fashanu e ordenou que ele não fosse treinar no dia seguinte.

Teimoso, Fashanu apareceu do mesmo jeito, o que irritou profundamente o chefe. Foi preciso que a polícia desse as caras para “escoltar” Fashanu para fora do campo. Desabando em lágrimas, Justin viu ali a sua carreira no Forest se encerrando de maneira abrupta.

As duas personalidades e o fim trágico

A passagem pelo Notts County, após o empréstimo aos Saints, foi o último resquício de paz na vida de Fashanu. Os gols ajudaram no processo de redenção e deram alguma confiança a um homem que vinha fortemente abalado pela crise no Forest. Publicamente, ele agia como se nada tivesse acontecido, sempre posando como um cara pacífico e consciente sobre determinados temas, sobretudo os que envolviam questões raciais. Em privado, estava sendo arrastado por um drama interminável.

Se por um lado a imprensa se alimentava de suas peripécias noturnas, por outro dava ainda mais combustível aos que achavam incompatível um rapaz negro e educado se comportar como um playboy. No limite, essa discrepância atraiu publicidade negativa para Justin, que era incapaz de levar uma rotina tranquila sendo um jogador famoso e homossexual.

Uma viagem à Nigéria para clarear os pensamentos e conhecer o pai, que o abandonou na infância, parecia ter pacificado Justin. Mas os desdobramentos foram ainda mais problemáticos. Eles nunca mais se falaram e o jogador continuou com problemas seríssimos de ordem emocional. Nem mesmo uma conversão ao cristianismo trouxe alguma tranquilidade. Rodando de clube em clube, sem recuperar o prestígio do início da carreira, acumulou péssimas passagens por vários países. Enquanto isso, o irmão mais novo, John, também trilhava seu caminho rumo ao futebol de elite na Inglaterra. Com um estilo completamente diferente de Justin, o segundo Fashanu pavimentou seu breve sucesso usando da força, das trombadas e do temperamento explosivo. Foi destaque do icônico Wimbledon no final da década de 1980, que escalou as divisões nacionais até a primeira, chocando o país na decisão da Copa da Inglaterra diante do Liverpool, em 1988. Aquele elenco, recheado de figuras controversas e notoriamente violentas, ficou conhecido como *The Crazy Gang*, ou A Gangue dos Malucos, em tradução livre.

John, em março deste ano, deu uma entrevista bastante contundente ao programa *Good Morning Britain*, da ITV, na qual admite ter virado as costas ao irmão no momento em que ele assumiu ser gay. Em 1990, quando Justin confirmou aos tabloides

os rumores sobre sua homossexualidade, John tentou pagar 75 mil libras para que o irmão ficasse quieto.

Sabe-se que o ambiente do futebol contribuiu consideravelmente para o desespero que fez de Justin refém pelo resto da sua vida. O preconceito e o afastamento do convívio com os jogadores teve um papel devastador na mente do atacante, que desportivamente perdeu toda a sua relevância ao longo da década de 1990, até se aposentar em 1997.

“Fui um monstro com ele. Não há dúvida de que todo o preconceito que Justin encarou em sua vida profissional no futebol, por clube e seleção, atrapalharam sua carreira e levaram à sua morte. É muito triste refletir sobre esses problemas que envolvem o futebol, e que vinte anos depois da morte de Justin, ainda não há nenhum jogador abertamente gay jogando na Premier League. É uma situação que desafia a lógica e certamente deixa claro que, tanto tempo depois, é desaconselhável assumir sua sexualidade em público”, comentou John.

As manchetes do tabloide The Sun foram implacáveis, embora tenham rendido algum dinheiro a Justin pela “confissão”. Aquele episódio dividiu os Fashanu de maneira irreversível, já que na cabeça de John, as declarações eram uma tentativa do irmão de voltar a ter destaque na mídia. “‘Claro que você é gay’, pensei. ‘Agora pare de se mostrar. Você está tentando roubar minha glória! Você não vai fazer isso. Eu sou o número um agora, tomei sua posição, estou jogando na elite inglesa. Enquanto isso você está desaparecendo, sofrendo com lesões e só quer roubar meu momento’. Achei que era pura rivalidade fraternal. Aí você coloca o futebol no meio, a fama, o dinheiro. Isso tornou nossa relação bem tóxica”, lembrou John.

O arrependimento, no entanto, só apareceu recentemente. E John pretende fazer algo importante a respeito de seu maior erro enquanto ser humano. Ele e a filha, Amal, estão trabalhando com uma fundação que pretende combater a homofobia no esporte, desde a base, lidando com atletas para o futuro. “Agora eu vejo a frustração e a confusão que ele deve ter sentido. Devia ter sido horrível ter isso na alma. Mas naqueles tempos a homofobia era uma fúria popular. Você nem podia dizer a palavra ‘homossexualidade’ 30 anos atrás.



Meu pensamento imediato foi de protegê-lo, da mesma forma que protegia minha mãe e meu pai, assim como todas as pessoas que amo”, frisou.

Em abril de 1998, quando passava uma temporada nos Estados Unidos, Justin foi acusado de abusar sexualmente de um adolescente de 17 anos. Um mandado de prisão foi expedido, mas o ex-atleta fugiu e não se apresentou às autoridades. Fashanu voltou para a Inglaterra e se escondeu em Londres, onde se suicidou dias depois.

Na carta deixada aos familiares, ele alegava que a relação havia sido consensual e que não acreditava em um julgamento justo por conta de sua sexualidade. A motivação para tirar a própria vida, segundo o próprio Justin, era a de não mais causar constrangimento aos seus amigos e parentes. ■



PARABÉNS, ZÉ

*A lembrança do dia 25 de setembro de 1994
jamais se apagará da memória de José Elias
Moedim Júnior*

GRANDES BATALHAS | POR WLADIMIR DIAS

Há certas coisas no futebol que nunca foram ou serão colocadas em dúvida. Um jogador com certas qualidades técnicas, a elas adicionando uma dose extra de empenho, terá sempre lugar no coração de seu torcedor. Só há uma forma de essa relação passar a ser ainda maior: o atleta em questão ser torcedor do clube. Unido, esse trinômio provoca uma relação de aprovação incondicional. Foi assim que o torcedor corintiano recebeu um garoto capaz de emular em campo tudo aquilo que, das arquibancadas, os membros da Fiel gostariam de poder fazer: Zé Elias.

O garoto de estilo de jogo viril, mas capaz de protagonizar uma saída de bola limpa, com passes qualificados, não precisou de muito tempo para cair nas graças da torcida do Timão. Zé podia até ser violento às vezes e não o fazia por mal — mas por um excesso de uma vontade que podia cegar. Foi isso que *Placar* sinalizou em outubro de 1995: “Zé Elias não tem as características de um bad boy”.

Outra verdade facilmente verificável nos gramados é o fato de que as cobranças são mais constantes que os aplausos. Justamente por isso, quando estes se notam, é porque se está diante de uma situação especial; trata-se de uma aprovação quase transcendental, reservada a momentos escolhidos a dedo.

Mais um lugar comum, esse da vida: o alcance da maioridade é o sonho de consumo de 99 entre 100 adolescentes. Tudo bem que logo acabam por perceber que a vida adulta não é isso tudo — muito pelo contrário. Mas se trata de um marco. Os parabéns e palmadinhas nas costas recebidas nesta data têm uma propensão consideravelmente maior de serem lembradas na posteridade do que os aniversários de 17 ou 19 anos. Isso, em condições, ordinárias, claro. Ante o extraordinário, a marca nunca se apaga.

Setembro de 1994, dia 25.

O momento corintiano pede cautela. Na *Folha*, o articulista Alberto Helena Jr. comenta que o treinador Jair Pereira fracassou na tentativa de propor um time ofensivo e vai retornar ao 4-4-2. O Timão enfrenta o Criciúma, em casa, em um daqueles jogos



traduzidos pela expressão “ganhar ou ganhar”. Boiadeiro dá lugar a Marcelinho Paulista, que será o auxiliar de Zé Elias na contenção. O jornalista ainda afirma que “o seguro morreu de velho”.

Apesar disso, o tiro sai pela culatra. À edição do dia seguinte também da Folha, Zé Elias confirma que, por sua conta, decidiu arriscar: “Não [foi o Jair Pereira que pediu]. Eu é que resolvi arriscar por conta própria. Acho que vou levar uma chamada dele depois do jogo”. Talvez tenha levado, porque, apesar de ter acertado uma bola na trave, o time só garantiu uma suada vitória aos 32 do segundo tempo, com o zagueiro Henrique confirmando o 3 a 2.

No entanto, Jair pode ter sido benevolente. Era o dia do aniversário de Zé Elias. Naquela tarde, o jovem completou os 18 anos. E, dificuldades à parte, o clima foi de festa. “Vou me lembrar disso para o resto da minha vida”. Isso, a que Zé se refere, não é apenas a ocasião, mas o fato de ter sido celebrada de forma extraordinária, por meio de um sonoro “Parabéns pra Você”, entoado por 25.599 vozes presentes no Pacaembu. Quem pode dizer que viveu semelhante momento? Ali, a torcida do Corinthians confirmou a paixão por aquele jogador que, além de sua técnica, levava o coração na ponta da chuteira e, dentro dele, o amor pelo clube e as cores que representava. ■

NA ERA DO GARRAÇÃO



*Basquete do passado com os olhos
do presente. Quinzenalmente, às
quintas-feiras, na Central3*

Por Vitor Camargo e Renan Ronchi

central3.com.br



ZÉ (DA) FIEL

ENTREVISTA | POR FELIPE PORTES

Comentarista desde 2006, quando estreou nos microfones da *Rádio Record* na Copa do Mundo, Zé Elias é um ex-jogador diferente de muitos que estamos acostumados a ver por aí. Não só pelo posicionamento em relação às coisas que cercam o futebol, mas pela clareza na comunicação e por ser uma pessoa acessível.

Criado e revelado pelo Corinthians, clube pelo qual atravessou a infância e a adolescência até a estreia como profissional, aos dezessete anos, contra o Cruzeiro, Zé, como se sabe, teve a oportunidade de defender a Seleção Brasileira muito cedo. Depois, se transferiu para Bayer Leverkusen e Internazionale, uma verdadeira potência da época, empurrada pelos gols e a fantasia de Ronaldo.

Zé já foi o Zé da Fiel, o menino do Leverkusen, a aposta da Inter, a referência na volância do Olympiacos, do Genoa, e coringa no Santos de Luxemburgo e Robinho. Também foi o Zé da *Rádio Globo* e agora da *ESPN*. Trata-se de um homem que certamente tem muito a contar pelo que viveu, o que viu, e pelos idiomas que aprendeu.

Ao longo de pouco mais de uma hora de conversa por telefone, Zé abriu o coração e o baú de memórias de suas andanças pelo Parque São Jorge, pelo Brasil e pela Europa. Ele nos conta, por exemplo, como se virou muito cedo, em países estranhos, com uma missão complicada de anular grandes craques do seu tempo.

A simplicidade é marcante. Hoje, Zé parece ser a mesma pessoa que era no início da carreira, com sonhos a realizar e muito chão a percorrer. A estrada como atleta já chegou ao fim, e hoje ele compensa as chuteiras penduradas com o ofício de analista e comentarista na TV. Ele está na nossa casa quase diariamente — sem as bolas divididas, com opiniões fortes e fundamentadas.

É possível compreender todo o rito de passagem e a formação a que ele foi submetido desde os juniores no Corinthians até a dura decisão de parar, após uma passagem curta pelo futebol da Áustria. Senhoras e senhores, José Elias Moedim Junior. Zé Elias. Ou Zé da Fiel, se você for um corintiano aficionado que viveu intensamente os anos 1990.

Relvado: Como foi para você, depois de parar a jogar, começar a comentar jogos em transmissões?

Zé Elias: Eu comecei a comentar na Copa de 2006, estava naquele impasse de joga e não joga, tem time, não tem time. Eu já tinha conversado com algumas pessoas, demonstrado interesse em ser comentarista no futuro. Aí, eu tinha um amigo em comum com o Paulo Roberto Martins, da *Rádio Record*. Fiz alguns jogos, daí recebi um convite para jogar no Chipre. Quando parei de trabalhar na rádio, voltei para o Omonia Nicosia.

Joguei um ano, retornei e fui para a *Rádio Globo*, mas ainda com a carreira ativa, indefinida. Estava indeciso em ser comentarista, pela possibilidade de continuar jogando. Recebi uma oferta para jogar na Áustria [no Rheindorf Altach] e, faltando três meses, fui avisado de que não iriam renovar. Foi aí que procurei o diretor da rádio, Leonardo Stamillo, que me avisou que as portas estavam abertas. Isso em 2009.

E a experiência? Como foi mudar de lado, antes como jogador, e passar a comentar sobre a atuação de outros atletas? Que orientação você teve nesse sentido?

Fui me preparando desde a primeira experiência, em 2006. Gostei, era aquilo que queria fazer. Me preparei para que o dia em que eu parasse de jogar, pudesse seguir nessa carreira. Eu escutava muito rádio! Assistia a muitos jogos, prestava atenção nos comentaristas e lembrava da minha época de jogador. Pensei em conciliar com o que eu aprendi enquanto jogador, o que eu podia falar, o que não podia, mas sempre analisando o jogador enquanto profissional, e não o ser humano, pai de família que está por trás. Tomo cuidado com isso, é uma linha muito tênue fazer uma crítica que passa esses limites. Procurei sempre entender como funcionava para fazer direito e sem sacanear ninguém. O que é bom é bom, o que é ruim é ruim, pode envolver linhas de raciocínio para explicar por que tal jogador tem dificuldades, outros não, mas sempre de maneira respeitosa.

Você acha que o trato da imprensa aos jogadores melhorou nos últimos anos e que houve uma conscientização da classe

jornalística a respeito de como criticar um atleta? Não há uma separação muito clara entre o jogador fora ou dentro de campo.

Acho que não, não muito. Aumentou a exposição do jogador nas redes sociais, a necessidade dos cliques, de as pessoas serem clicadas para chamar a atenção. É compreensível dentro da realidade que vivemos, intolerante. Muitas vezes, essas críticas passam dos limites. Hoje em dia, se você gosta de algo e seu amigo não, a pessoa já começa a levar para o lado do “ele é idiota, não serve”. Então o mundo que vivemos hoje acaba condicionando outras situações.

Até porque o jogador hoje está comentando as coisas no Instagram dele e isso vira notícia...

É, mas nem sempre o Instagram é a verdade. A gente sabe que o jogador usa isso para se promover, só passar coisas boas, nem sempre ele mostra o lado difícil, a questão do que se vive no vestiário. É da profissão dele. Se falar algo que foge à situação de campo, ele é criticado.

A gente não sabe separar o jogador da pessoa que usa redes sociais. Irrefletidamente, acabamos misturando isso. Você certamente conviveu com algum jogador mal assessorado nos anos 1990. Hoje vemos acontecer com frequência, são casos de vídeos vazados, comentários polêmicos, declarações fortes. Acha que um mau assessoramento pode ter qual influência na carreira de um atleta?

Prejudica e muito um jogador. Principalmente em relação ao que ele faz nas mídias. Hoje as redes sociais ganharam um peso grande em opinião, aceitação, patrocínio. Então se você for mau assessorado, você pode ser alvo de muitas críticas, perder seguidores, oportunidades de patrocínio. Ninguém vai querer ver sua postagem se você for descuidado com isso. E os jogadores nem sempre podem falar o que pensam, o que sentem, provavelmente vão ser massacrados. Nem sempre aquilo que acontece num vestiário ele pode ou quer falar, porque sabe que pode ter problemas. Mesmo em caso de saída de determinado clube, ou para

criar alguma confusão, mas aí é com outras intenções. As redes pesam muito nisso. Hoje o jogador é assessorado para tudo, se você quiser falar com ele tem de pedir autorização para assessor, para o clube, passa por um monte de gente. Aí o assessor fala com o assessor do jogador, marca um dia, ele tem de usar camisa do clube, uma série de coisas.

É complicado, um pouco desgastante. Quando você tem uma relação mais próxima, há um respeito, você não precisa dar todas as notícias que você sabe, porque às vezes ele te pede para não mencionar algo, não colocar no ar. Isso existia no passado, agora não existe mais. Agora acaba o jogo, tem zona mista, é tudo muito rápido, e aí surge a necessidade do clique, de criar um conteúdo mais impactante. É aí que entra a necessidade de uma assessoria, para evitar que a imagem se desgaste até ficar ruim.

Perdemos o controle sobre o sensacionalismo. Hoje a busca pela manchete alterou um pouco a relação entre veículos e consumidor. Normalmente, alguém procura algo explosivo para chamar atenção. Há uma forção de determinados assuntos também. Como você vê isso?

Eu assino a *Super Interessante*, né. E li uma matéria, esses dias, sobre a nova geração política. O tema é a mudança de cenário, por conta das redes sociais, a velocidade do mundo. Hoje você tem que ter um raciocínio em 140 caracteres, então se for mais que isso já fica pesado de ler. Às vezes os vídeos de cinco minutos no **Youtube** são longos, tem que fazer vídeo de um minuto. Você não pesquisa mais, não vai a fundo na informação. Então se pega uma ou duas frases dentro de um contexto do que se for falado, cria o clique, a pessoa entra, despertada pela curiosidade.

Aí vai ver e o texto não está falando nada daquilo que despertou o tal interesse, nada a ver. Isso explica a situação das coisas, como tudo está sendo feito. Hoje precisamos parecer bons. Ou somos bons ou ruins, não podemos ser simplesmente normais. Se você fala algo que as pessoas não gostam, você passa a ser atacado de maneira brutal. Se você fala algo legal, é alçado lá em cima. Não tem meio termo! Isso altera prejudicando a condução e o comportamento das pessoas.

Inclusive, na Relvado, estamos tentando mudar um pouco isso, mirando na abordagem usada em entrevistas. O exemplo do UOL é excelente para essa premissa, com aprofundamento, vídeo, perguntas um pouco mais fora do óbvio, sem dicotomias.

É legal poder sentar e conversar sobre esse tipo de coisa. Outra vez, na *Rádio Globo*, durante uma reunião de pauta, um dos chefes falou que precisaríamos diminuir entrevistas com jogadores e técnicos antes e depois dos jogos, pois as respostas eram as mesmas. Educadamente, levantei a mão e disse: “Mas o senhor reparou que as perguntas são as mesmas?”, então, quando a gente foge do contexto do futebol, as pessoas veem de forma diferente. O jogador de futebol poderia ter um pouco mais de opinião, afinal, ele está sempre presente na casa das pessoas, sem saber. E passa a ser alguém importante com isso, com uma enorme responsabilidade, ganha muito dinheiro, quando é parado na rua é cobrado, se os resultados vão mal. E a cobrança muitas vezes é forte. A partir do momento que o jogador mostrar outra cara, o respeito dos torcedores passa a ser diferente. Um jogador que vejo como muito interessante nessa geração é o Fernando Prass. Ele é uma pessoa culta, e não digo isso para menosprezar outros jogadores, mas porque ele se coloca de uma maneira que os demais passem a ver: “Opa, ele tem algo de diferente, quero entender, vou prestar atenção no que ele fala, ver o que é, como posso falar”. Aí é legal, os atletas precisam entender que podem fazer isso.

Agora vamos falar um pouco da sua carreira. Separamos alguns episódios aqui e seria legal repassá-los com a sua visão. Começamos pelo Corinthians, você como corinthiano de infância, formado na base. Qual foi a sua relação com o clube antes mesmo de pensar que seria jogador?

Minha relação começou muito cedo, quando eu tinha cinco anos! Entrei em agosto de 1982. Sempre foi muito próxima, praticamente vivi minha infância e adolescência ali. Conhecia tudo, conhecia a árvore, a pedra, o azulejo. Minha mãe é corinthiana, e nós morávamos em Guarulhos. Meu pai, palmeirense. Ele queria que eu fosse para o Palmeiras, mas minha mãe resolveu me levar para o Parque São Jorge. Num desses campeonatos juvenis que disputei em Guarulhos, o pai do jornalista Vitor Guedes me recomendou ir fazer um teste

no Corinthians. Fui, fiz e fiquei. Juntei a fome com a vontade de comer por parte da minha mãe. Você acaba gostando do clube, né?

Pelo que consta, você jogava no juvenil e precisou subir às pressas para o profissional. Como foi isso?

Comecei com dezesseis anos, na verdade, em 7 de setembro de 1993. O Corinthians havia perdido para o Palmeiras no Campeonato Paulista e daí fez uma reformulação enorme no departamento de futebol profissional. Nessa reformulação, acabei ganhando uma chance nos juniores. Fiz o primeiro jogo, fui bem. No segundo, o Márcio Araújo, técnico na época, me chamou, pediu pra ficar. Ele chegou ao clube junto com o Mario Sérgio.

E me falou, na segunda-feira: “Ó, a partir de amanhã eu vou chamar cinco jogadores. Esses cinco terão de trazer identidade para fazer a inscrição no profissional”. Eu era juvenil e treinava entre eles, mas era difícil. Nesse treino, ele conversou comigo: “Traz a identidade, vamos te subir, você vai treinar no profissional”. Fiz a maior festa chegando em casa. Antes disso liguei pra família, do orelhão lá do Parque São Jorge, que hoje nem existe mais. Conte pra minha mãe, “Ó, mãe, vou ser inscrito”, e foi aquela alegria. Ela sabia o que eu tinha passado até ali. Na terça-feira, fui treinar e o Mário Sérgio tirou o colete de titular do Embu e me passou, me orientou para a marcação. Aí roubei uma bola e entreguei pro Rivaldo, ele fez gol. Depois, roubei outra, sofri uma falta, o Válber bateu e fez outro. Mário chegou pra mim e falou: “Te cuida, 16 anos pra mim já é homem. A partir de amanhã você treina com a gente”. Só que eu continuei treinando nos juniores, achei que era brincadeira. O Alemão, o roupeiro, me avisou que as minhas coisas estavam no profissional. Chegando lá, me deram a camisa de titular e fui treinar normal. Fui avisado que ia jogar no sábado, e daí começou minha trajetória, em 7 de setembro de 1993. O Ronaldo tava fazendo a estreia dele pelo Cruzeiro, e eu a minha pelo Corinthians.

Como foi chegar em casa e dar as boas novas?

Eu sempre tive muito o pé no chão. Sempre soube o que estava fazendo, as consequências, minhas responsabilidades. Com isso, foi tranquilo. Minha mãe que ficou muito feliz, orgulho de mãe, meu



“Mário [Sérgio] chegou pra mim e falou: “Te cuida, 16 anos pra mim já é homem. A partir de amanhã você treina com a gente”. Só que eu continuei treinando nos juniores, achei que era brincadeira. O Alemão, o roupeiro, me avisou que as minhas coisas estavam no profissional. Chegando lá, me deram a camisa de titular e fui treinar normal. Fui avisado que ia jogar no sábado, e daí começou minha trajetória, em 7 de setembro de 1993.”

- Sobre a promoção repentina ao profissional do Timão

pai também, e eles também mantiveram a realidade. Me ajudaram muito, iam aos jogos, depois da estreia me encontrei com eles no estacionamento. A gente acaba acostumando com essas situações, eu estava lá desde os cinco anos, todo fim de semana tinha viagem, jogo, e quando subimos para o profissional, condicionamos nosso ambiente de vida.

Que tipo de dificuldade você enfrentou nos primeiros meses jogando entre os profissionais? Houve uma mudança drástica, de rotina, ou de cabeça?

Muda um pouco, mas fomos preparados para isso. A vida tem suas circunstâncias, dificuldades, e eu sinto que me preparei muito pra isso, por tudo o que passei até chegar lá. Treinava de manhã, tarde e noite, então você acaba dando muito valor quando tudo acontece. A mudança era jogar com os profissionais, me adaptar, e a dificuldade maior foi entender como eu ia reagir a determinadas situações. Velocidade de jogo, questões táticas, tudo isso dentro de algo que eu já estava acostumado, que era o futebol.

Tem alguma memória especial daquele gol contra o Santos, driblando o Ricardo Rocha e correndo para a torcida?

Aquele gol foi legal, por tudo que envolveu. Fizemos 3 a 1 neles, depois tomamos o 3 a 2. Então ficou mais valorizado esse terceiro gol, acho. Foi especial porque foi meu primeiro e último gol na frente da torcida do Corinthians, aquele momento me marcou. Depois fui eleito como melhor jogador em campo, dei entrevista, aquela coisa toda. Faz parte. *[Nota do editor: O primeiro gol de Zé pelo Corinthians foi marcado contra o Bahia, na Fonte Nova, no primeiro turno daquele Brasileirão, vitória alvinegra por 3 a 1.]*

Que papel teve o Mário Sérgio nessa sua fase inicial?

Ele trabalhou de 1993 até o fim do Brasileiro, saiu para dar lugar ao Carlos Alberto Silva, em 94. Depois voltou em 95. Tudo porque o Tuminha [Romeu Tuma Jr.], que tinha levado o Mário para o Corinthians, saiu. Mário, em solidariedade, foi embora também. Então o Carlos Alberto também acabou saindo e veio o Jair Pereira, que foi vice paulista em 94. Mário só retornou em 95, montando o time para o Paulista e a Copa do Brasil [o Corinthians venceu ambos], deixando o clube antes das finais para vir o Eduardo Amorim.

Esse Corinthians de 95 tem um lugar especial no coração da torcida por conta dos títulos no Paulista e Copa do Brasil. E por ter superado o Palmeiras na final estadual. Vocês sentiam que estavam no mesmo nível que eles, ainda que sem metade do investimento?

Ali a gente tava muito equilibrado. Em 1995 não era mais um Palmeiras de 93 e 94. Era um time forte, claro, mas a distância já não era tão grande. Conseguimos igualar em determinadas posições e depois era mais vontade. A gente era mais unido, tinha muita garra, e o Palmeiras não tinha essa mesma união. Isso fez diferença.

Você começou a ganhar suas primeiras oportunidades na Seleção em 1995, chamado pelo Zagallo. Como foi para você, tão novo, dar esse salto, de destaque corintiano para convocado? O que passou pela sua cabeça naquele momento?

Só em aproveitar aquela ocasião com os jogadores. Era uma experiência de estar com eles, de entender o que eles faziam de

diferente, aprender bastante no dia a dia. Isso era muito importante para mim, para poder crescer como jogador.

Você conviveu com o Zagallo, que montou uma equipe de transição da Copa de 1994 para a de 98. Esteve com Ronaldo, Roberto Carlos, Rivaldo, o time foi se ajustando aos poucos. Que papel você pensou que teria mais adiante? Ou não era seu foco na carreira?

Eu era muito novo. Tinha 18 anos quando comecei a ser convocado. Como falei, você está ali para aprender, ganhar experiência, até porque a gente mal jogava. Existia a questão dos jogadores que estavam voltando da Copa de 1994 e então sabíamos qual era o nosso lugar. Aos poucos isso foi mudando. Não parava pra pensar muito nisso, o negócio era que não se podia errar um passe, pois no jogo seguinte alguém entraria no meu lugar.

Hoje há um pouco dessa cultura de que o jogador defensivo precisa ter uma imposição física, intimidar o rival. Ainda que tenhamos perdido um pouco esse apelo à raça, o futebol mudou muito em questão tática, em preparo físico, e é muito diferente do que víamos na sua época, vinte anos atrás. Esse choque de estilos teve como símbolo a final da Copa de 2010, entre Espanha e Holanda, uma praticando um futebol mais sofisticado e trabalhado, e a outra na base da força. Que lugar você acha que a força física tem no futebol hoje?

É muito importante, pois o preparo do atleta mudou muito. Isso influenciou no jogo. Temos a parte tática, onde todo mundo tem de cumprir sua função. E a força é a necessidade, a exigência física que se tem para que você possa executar isso. Então talvez seja por esse motivo que a técnica às vezes fique de lado. É impossível você jogar apenas futebol como se fazia antigamente, as questões táticas avançaram muito. O ritmo aumentou, você tem de correr mais, e é impossível desassociar esses dois fatores.

Quando você completou 18 anos, o Corinthians recebeu o Criciúma no Pacaembu, e cantaram parabéns para você nas arquibancadas [Vide texto anterior nesta mesma edição]. O que você lembra daquele dia e pode nos contar?

Foi a emoção mais forte que tive ao longo da carreira. Primeiro por ser meu aniversário de 18 anos. Depois por estar jogando e ter esse reconhecimento e apoio de uma torcida como a do Corinthians. É muito especial.

Você vê isso acontecendo com qualquer outro garoto nos dias de hoje? Qual a chance de uma ocasião assim se repetir, na sua visão?

Não sei te dizer, confesso que não sei. A gente acaba ficando muito no estúdio na ESPN, não temos acesso a muitas transmissões. Então não temos essas informações de pré-jogo. Mas não vejo muito isso. É muita questão de ligação com a torcida, a forma de jogar, a identificação que tive com eles.

Em 1995, você foi personagem de capa da *Revista Placar*. Naquela época, se falava muito que você era considerado violento por causa das faltas. O que era ser violento nos anos 1990 e o que é ser violento no futebol atual? Você vê um cuidado maior, menos maldade em campo? O que mudou?

As câmeras. Hoje você tem uma capacidade de captar imagens que não tínhamos na época. Então isso condiciona os árbitros, as partidas seguintes e as atitudes. Os jogadores violentos são mais vigiados. Isso faz com que você tenha de se policiar para evitar lances duros, entradas fortes. No passado, não tínhamos essa vigilância, então, num escanteio você tomava um soco na cabeça, uma cotovelada, a câmera não pegava. E isso alimentava rivalidades individuais, que causavam essas entradas mais violentas. Hoje ainda temos um pouco dessa rivalidade, mas é menos visível. Novamente, as questões táticas ajudam o atleta a se posicionar melhor e por isso evitar que ele chegue atrasado e cometa faltas mais fortes.

Então, o cara que faz muitas faltas pode ser considerado um cara violento, ou está só cumprindo uma exigência estratégica?

Existem determinados jogadores que são duros. E existem os violentos. O jogador duro é aquele que entra firme, mas visa a bola. E o violento é o que entra para machucar, já sabe onde bater, sabe onde vai mirar para lesionar, e muitas vezes as pessoas não

sabem discernir as duas coisas. O violento entra de propósito para machucar o colega de profissão. É isso.

Passemos para um episódio um pouco mais complicado. Em 1996, o Brasil era favorito nas Olimpíadas de Atlanta, tinha um time muito forte, e enfrentou a Nigéria. Depois de abrir 3 a 1 no placar, acabou sofrendo a virada nos minutos finais. A Nigéria tomou conta, se superou. O que você acha que aconteceu e pode contar sobre a catástrofe?

Foi uma coisa normal que acontece no jogo. Você tem a oportunidade de ganhar, e nós podíamos ter feito quatro, cinco a um no primeiro tempo. No segundo, o treinador da Nigéria tirou todo mundo e botou um monte de atacantes. Aí em duas jogadas eles empataram e levaram pra prorrogação. Foi erro nosso em não matar a partida, e mérito deles ao se aproveitar da situação.

Depois da Olimpíada, você foi transferido para o Bayer Leverkusen. A briga no cenário daquele momento era entre Bayern e Borussia Dortmund. O que significou para o clube aquela campanha e para você, na primeira experiência internacional?

Para mim foi legal, interessante, porque era minha primeira passagem pela Europa, num clube que tratava muito bem os brasileiros. Isso é fundamental para você se adaptar, já que é um país culturalmente muito diferente do nosso. Foi importante para eu entender como tudo funcionava lá. Tive a felicidade de jogar na Internazionale, depois, mas um dos meus erros foi ter saído cedo do Leverkusen, até para ser mais valorizado.

Com quem você se enturmou na Alemanha? E como foi essa adaptação a um local em que se falava um idioma tão distinto?

O Paulo Sérgio [atacante, ex-Corinthians], que jogava lá na época. Mas eu não ficava muito com ele, eu vivia no hotel, sempre. Aí pedi para ter aulas de alemão para poder me virar, não gosto de ficar dependendo de ninguém. Sempre gostei de conhecer os lugares e ser independente. Eu andava com o Paulo na época de treino, só. Mas posso dizer que todo mundo me ajudou bastante naquele

momento, eles me acolheram. Não tenho nada a reclamar sobre o período em que estive lá.

Na Inter, depois do ano no futebol alemão, você chegou como parte de um pacote importante de reforços, com Ronaldo, Álvaro Recoba, Diego Simeone. O que você encontrou na Itália e com quem vocês passavam mais tempo fora de campo?

A gente tinha a turma de sul-americanos, naturalmente você acaba se identificando melhor com eles. Sempre me dei bem e tive bom relacionamento com todo mundo, né. A gente tinha o Ronaldo, o [Javier] Zanetti, o [Iván] Zamorano, o Recoba. Depois veio o [Aron] Winter, que ficou com a gente. É natural que você fique mais próximo de quem fala seu idioma, e eu tinha isso com o Ronaldo. Mas fora de campo ele vivia a vida dele e eu a minha.

Simeone já demonstrava um perfil de liderança naquela época? O que você lembra da convivência com ele? E o Giuseppe Bergomi?

Ele sempre foi muito profissional, ao extremo. Sabedor daquilo que era o futebol representava para ele. O tempo todo ele via jogos de futebol, via esquemas táticos, e você via isso no campo. Começava o jogo e ele já falava: “Muda aqui, vamos jogar assim, um pouco mais para o lado”, e tal. Simeone posicionava o time para podermos enfrentar o adversário. O Bergomi é um sujeito muito legal. Reconhecidíssimo na Itália por aquilo que fez e o que representou. Gente boa, tratava todo mundo muito bem, era educadíssimo. Para nós, brasileiros, era muito legal. Pô, um cara que ganhou a Copa em 1982. Sempre foi assim. Chamávamos ele de “Tio”. Ele parou no segundo ano que eu estive lá, virou comentarista.

Logo na sua primeira temporada na Itália, vocês conquistaram a Copa Uefa contra a Lazio. O time de vocês era repleto de craques, mas a Lazio estava em um grande momento. Você chegou fazendo gol naquela campanha. O que se recorda da final europeia?

A final era uma grande expectativa para a gente. Todo mundo falava da final entre italianos, e isso aumentou a ansiedade. Foi bem

legal, eu tinha acabado de chegar da Seleção, algo assim, e achei que não fosse jogar, que o Gigi Simone fosse colocar outro no meu lugar. Mas fui. Era meu primeiro ano, conquistar o título foi muito importante. Eu era um menino, né, uma aposta da Inter. Me ajudou bastante na carreira.

A impressão que temos é a de que a cultura defensiva no jogo italiano ainda é muito forte. Não mais na retranca como antigamente, mas você acha que para um atleta defensivo é mais fácil se desenvolver na Itália do que em comparação a outros países?

Em termos táticos, sim. A Itália é ótima nesse aspecto defensivo e de marcação, organização. Mas você tem outros bons trabalhos na Europa. Alemanha, por exemplo. Você tem na Espanha um jogo mais técnico, então há a possibilidade de fazer algo diferente, e uma série de outras coisas. A Itália é mais rígida com essas questões táticas.

Na biografia de Dennis Bergkamp, ele conta que teve dificuldade para se adaptar na Itália porque havia um espaço enorme entre o meio-campo e os jogadores de ataque. Ele achou complicado isso e relatou que era complicado enfrentar os defensores locais. Você confirma essa tese de ser mais difícil para um atacante jovem se firmar na Itália, via de regra?

Depende. O Ronaldo, por exemplo, quebrou todos os recordes. Então a gente exclui um pouco essa possibilidade, ele era um fenômeno. Mas acho que depende do jogador, da cabeça, do clube em que ele está. Tudo pode influenciar na adaptação ao futebol e as dificuldades que ele vai enfrentar no cotidiano.

Vocês tiveram um duelo direto com a Juventus na decisão do título italiano em 1997-98. Foi 1 a 0 para a Juve, em Turim, mas houve um lance que até hoje é controverso. Um pênalti não marcado em Ronaldo que poderia ter mudado o jogo. Conte mais sobre aquela tarde, da perspectiva de quem esteve em campo.

Sabíamos o que estava acontecendo, coisas que já eram recorrentes. Acabou deixando a gente mais nervoso em relação ao



“A gente tinha a turma de sul-americanos, naturalmente você acaba se identificando melhor com eles. Sempre me dei bem e tive bom relacionamento com todo mundo, né. A gente tinha o Ronaldo, o [Javier] Zanetti, o [Iván] Zamorano, o Recoba. Depois veio o [Aron] Winter, que ficou com a gente. É natural que você fique mais próximo de quem fala seu idioma, e eu tinha isso com o Ronaldo. Mas fora de campo ele vivia a vida dele e eu a minha.”

- Zé, sobre o período na Inter

jogo. Mas acho que aquilo estava muito condicionado à história da Juventus. Aquele dia foi difícil justamente por isso, porque a gente tinha de suportar e entender que determinadas coisas fugiam ao controle. É difícil até de acreditar em algumas coisas que acontecem no campo.

Sua passagem pelo Bologna foi curta, de um ano, e depois você seguiu para a Grécia, para atuar no Olympiacos. O que lembra daquela temporada pelos rossoblù?

Convivi com caras como o Giuseppe Signori, Kennet Anderson, Klas Ingesson, que estiveram na Copa de 1994. Para mim, foi interessante adquirir um pouco da experiência que eles tiveram. Fora a amizade, né, isso vai muito além do futebol. O futebol passa, e essas coisas ficam. De vez em quando eu ainda falo com alguns deles que jogaram naquele time, mas hoje com as redes sociais ficou um pouco mais complicado.

E aí você foi para a Grécia. Como surgiu esse interesse e de que maneira te atraíram para o Olympiacos?

Eu recebi uma oferta deles assim que voltei do Bologna e o meu empresário na época me apresentou as condições. Fui, porque seria interessante, não ia ter mais uma chance na Inter. Era uma oportunidade de fazer algo bom e voltar depois.

Você conviveu com o Giovanni nesse tempo de Grécia, quando o país não era exatamente um destino muito comum para brasileiros. O que você guarda da passagem pelo Olympiacos, houve alguma barreira cultural?

Não, aquele inclusive foi meu melhor momento profissional. Eu tinha 24 para 25 anos, em 2000. Então eu já tinha passado por muita coisa, era experiente, isso ajuda a gente a jogar mais e se apresentar melhor. Aí eu já estava mais velho e com quase dez anos de carreira. Pesou a favor na adaptação.

Mas o futebol grego era diferente, menos exigente que a Inter, mas o lado da pressão por parte da torcida foi grande. O pessoal é muito apaixonado. Eles são fanáticos! A gente acha que aqui o pessoal é fanático, mas lá é bem pior.

A barreira do idioma foi grande?

Também não. Por onde passei, me virei para aprender o idioma local, foi assim na Alemanha, na Grécia. Falava um pouquinho de grego. Foi a experiência mais válida, essa que tive de aprender idiomas novos. Tanto que hoje falo italiano fluente, inglês, alemão, isso não tem preço.

No início dos anos 2000, até com o novo modelo da Liga dos Campeões, ficou ainda mais discrepante a diferença entre os países mais tradicionais e os periféricos. Em 2001 tivemos um exemplo de que vocês ganharam as três em casa em um grupo com Valencia, Heerenveen e Lyon. Mas vocês foram eliminados pelo saldo de gols. Como foi a campanha?

É. A gente perdeu para o Heerenveen, 1 a 0, e ficamos fora. Para o time foi complicado entender o motivo. A gente sabia que tinha chance de poder ter passado e ficou um clima de velório no vestiário, todo mundo ficou puto por causa disso, chateado. Pegou muito o jogo do Lyon, porque o árbitro sacaneou a gente, inverteu

falta. Foi bem complicado, mas depois não teve jeito. Tivemos de dar sequência ao ano, à vida.

Quem mais te marcou nessa fase na Grécia? A gente não costuma muito falar desses times porque não se dá atenção ao futebol grego por vários motivos. Mas você pegou um elenco com o Christian Karembu, campeão do mundo, por exemplo.



Karembu, Giovanni, [Jorge] Bermúdez, que jogou no Boca Juniors. Como falei: só tenho a agradecer ao futebol pelos amigos que ganhei. Tudo isso foi proporcionado pelo futebol, e isso é gratificante. Ali foi meu melhor momento profissional, guardo com muito carinho aquele período. Lembrar disso tudo, agora, só por foto, né. Mas sei que consegui ter uma boa carreira e por onde passo tenho as portas abertas.

Teve um jogo específico contra o Manchester United, quando você ainda estava no Olympiacos. Foi emblemático. O que aconteceu naquele dia?

Meu time estava perdendo de 4 a 0 no primeiro tempo, tomando um vareio, nem via a cor da bola. Pensei: preciso fazer alguma coisa, para ver se o time reage, não vamos ficar levando de 4 a 0 e brincando de bobinho. Só que o [Juan Sebastián] Verón jogava no Manchester e eu fui tentar antecipar a jogada. Ele percebeu que eu tava chegando e se antecipou. Ia pegar a bola, peguei o Verón. Fui expulso. Depois que vi a imagem, realmente achei que foi uma entrada forte, mas a ideia era de disputar a bola, ele conseguiu tirar antes. Ali começou a mudar minha vida no Olympiacos. Pessoal já não tava muito contente comigo com relação aos resultados, campanha do time. Mas faz parte da vida.

Jogar contra um time daqueles também pesou para o placar. Deu tudo certo para eles, especialmente para o Verón, que apesar daquele dia, não teve uma grande fase no United.

Foi tranquilo. Eu sempre fui muito sério, me preparava, via vídeos dos adversários, onde eles gostavam de receber a bola. Mas aquele time ali era muito bom. [Paul] Scholes, Gary Neville, [David] Beckham, Verón... Mesmo estudando era difícil encontrar brechas, e você tinha que testar isso para ver se dava certo em campo. Às vezes não dava. E não é só o individual. Nosso time, enquanto coletivo, não conseguia ganhar fora de casa por conta disso.

Você jogou com muitos grandes craques, como Ronaldo, Marcelinho, Zanetti, entre outros. O que você aprendeu com eles? Algum te ensinou algo especial?

O Ronaldo era um cara que ensinava todos os dias. Ele tinha muitos problemas em relação a joelho, mas fora ele sempre foi um cara simples, por aquilo que ele era. Sempre foi muito assediado, mas sabedor da importância dele. Isso, é fundamental para você ter sucesso. E aí dava pra entender por que ele era tão bem sucedido. Jogava muito, era o melhor do mundo e se comportava como uma pessoa normal.

Depois tive outros, como o Winter, um cara sensacional, em disponibilidade, ajudou muito. Ele tinha esse lado que é fundamental para um bom ser humano. Para você viver bem, é legal ser rodeado de pessoas boas. Ele era muito legal, isso facilita muito.

Algun treinador que você trabalhou teve um impacto maior no seu jogo e te fez repensar o futebol?

Bom, o Mário Sérgio, pra mim foi um dos melhores que tive. Estrategista, sabia de tudo dos times adversários. Depois tive o Gigi Simone, um cara muito simples que sabia tirar o melhor de cada um, chamava muito a atenção. O Vanderlei Luxemburgo, com quem trabalhei quando voltei ao Brasil para jogar no Santos. E o Márcio Araújo, que teve a coragem de me indicar para o Mário Sérgio.

No Santos, você teve a chance de retornar em grande estilo ao Brasil, conquistando o título do Brasileirão em 2004. Como foi vencer aquele campeonato?

Foi importante para mim, eu estava retornando, com título, em um time bom e o melhor treinador da época no futebol brasileiro. Foram momentos decisivos na minha carreira. O Santos é um time especial, por conta da história que tem, dos craques que teve, isso está no vestiário, com fotos do Pelé, do Pepe, e foi emocionante para mim fazer parte disso.

Quanto você acha que as lesões atrapalharam a sua carreira? Você está satisfeito por chegar onde chegou ou pensa que merecia mais do que teve?

Em questão de lesão, tive uma pubalgia crônica e isso me prejudicou muito. Depois tive lesões musculares, normais de qualquer atleta. Eu sou muito grato por tudo, só tenho a agradecer pela minha carreira, não tenho do que reclamar, fiz tudo que podia dentro do esperado. Não me machuca ter jogado uma Copa do Mundo ou não, o importante é saber que deixei tudo em campo, não tenho vaidade com isso não, tudo normal. Importante é que as pessoas saibam que eu sou igual a elas.

Carrega algum arrependimento?

Grande, nenhum. Acho só que poderia ter ficado mais tempo no Leverkusen, mas é coisa da idade, faz parte. Com 19, 20 anos, você quer sempre jogar, era isso que eu tinha na cabeça, então não me arrependo, não.



A História do futebol com boas histórias.

revistarelvado.com.br

relvad^o